

António Ribeiro Sanches

**Dissertação sobre as Paixões da
Alma**

**Universidade da Beira Interior
Covilhã – Portugal
2003**

Snr. D.^{or}

Bem quisera eu não ser obrigado a desculpar-me com VM por haver dilatado tanto tempo esta parte da Patologia. Mas a dificuldade e utilidade da matéria tem sido a causa. Poucos médicos consideraram até aqui as paixões da alma como objecto da Medicina, todos notaram que são causa de muitos males, e mesmo da morte, mas raríssimo aquele que entrou na indagação da causa delas. Se esta matéria se tratasse tão amplamente como ela requer seria necessário sair dos termos da Medicina. Enfim tratarei aqui as paixões da alma como causa de muitas doenças e enfermidades, o que pertence essencialmente à Patologia, e, ainda que não seja deste lugar, tratarei de passo mas não confusamente da causa das paixões da alma, o que pertence tanto ao teólogo [e ao] jurisconsulto como ao médico prático ou terapêutico.

Todas as nações civilizadas assentaram que o homem constava de alma e de corpo, todos observaram que o homem era capaz de conceber, julgar, e discorrer acções distintas totalmente das corporais que se reduzem ao sentimento e ao movime[nto]. Os filósofos e os legisladores tomaram à sua conta reger as desordens e as enfermidades da parte inteligente e os médicos da segunda. As religiões gentílicas, que parece tiveram todas a sua origem no Egipto, não consistiam mais do que obrigar os povos a certos actos públicos de festas, jogos, divertimentos e banquetes, não tendo outro objecto os legisladores neles que acostumarem os seus súbditos a viverem em sociedade e boa inteligência. Regravam naquele tempo o que nós dizemos hoje a consciência os filósofos tanto pelas instruções públicas como particulares e principalmente depois que Sócrates descobriu ao mundo aquela ciência dos costumes e formosura da virtude. Os legisladores com leis penais tiveram o cuidado de curar os males que causam as paixões desordenadas; não ensinavam nem persuadiam mas castigavam as faltas daquela parte inteligente que eram prejudiciais à sociedade. Castigando induziam o medo nos ânimos desregrados e atemorizavam os inocentes para não ousarem cometer delitos e é o que fazem ainda hoje os nossos legisladores e jurisconsultos.

Pela misericórdia do altíssimo revelou a sua Santa Religião e tanto os Santos Apóstolos como os Santos Padres tomaram da Cristandade off.^{os} dos filósofos da Grécia e como mais soberanamente instruídos regerem pela Santa Religião aquela parte inteligente com dogmas e conselhos mais úteis e necessários tanto para a conservação do corpo e da Sociedade como para a perfeição daquela parte inteligente de que constamos. Esta foi a causa porque os médicos,

que todos devem ser filósofos, não cuidaram mais das desordens do ânimo.

Pitágoras, Demócrito e Empédocles não somente foram filósofos mas também médicos. Estes meditando e ensinando como se havia de conservar o corpo são, livre tanto de males como de moléstias, regravam ao mesmo tempo o ânimo. Todos sabem a dieta pitagórica e a Filosofia desta seita que consistia muita parte dela na Medicina chamada Higicne. Todos os médicos gentílicos até Galeno observaram e praticaram nos seus enfermos esta parte da Medicina incluindo nela reger o ânimo; mas depois que os médicos cristãos viram que os teólogos tomaram à sua conta esta parte, pouco a pouco largaram esta II incumbência a que eram obrigados depois dos primeiros médicos e filósofos.

Farei o meu possível para mostrar os efeitos das paixões da alma e também a causa delas. Não inquirirei que pela observação a origem delas mas mostrarei todos os movimentos que produzem. Não entrarei na discussão de que modo a alma, sendo espiritual, para mover o nosso corpo, nem porque razão o corpo variamente disposto faça pensar, discorrer, e querer, ou aborrecer a alma racional. Conte[nta]r-me-ei em relatar as aparências destas duas substâncias distintas por natureza uma da outra mas ligadas de um modo que é impossível a natureza humana compreendê-las.

Por este imperscrutável vínculo sabemos que um homem pacato e na melhor saúde sendo afrontado com uma palavra injuriosa que todo o seu corpo se altera. Sai logo o ânimo daquela tranquilidade, mostra-se pela cara vermelha, carrancuda, os olhos em fogo, por todos os membros em acções desordenadas, treme, espuma, o coração palpita, o pulso é trémulo e desordenado, o estômago não digere os alimentos, todas as secreções se perturbam e este estado é o que se chama doença. Aqui vemos que o ânimo tem sumo poder no corpo para alterá-lo até fazê-lo enfermo e às vezes até perder a vida.

Todos os homens sensatos experimentaram até agora que a fome, uma comida demasiada, as mui repetidas vigílias e o sono continuado, como também as bebidas do vinho e licores espirituosos, certas mudanças de ar mudam o vigor do pensamento ainda que o corpo não esteja enfermo. Todos observaram quão vário, quão extravagante é o ânimo nas mulheres prenhas: que uma violentíssima dor deprime tanto o ânimo que não lhe ficam forças para pensar com tranquilidade em outro objecto que aquele que a aflige[;] que esta dor intensa causando a febre, e aumentando-se esta que perde o ânimo toda a reflexão delir(i)ando e extravagando como se não existisse antes inteligência naquele febric[it]ante. Que direi dos efeitos da atrabílis, do veneno dos cães da-

gados, do ópio, da datura e da cicuta aquática? Todos sabem quão miseravelmente transformam, confundem e perturbam aquela parte inteligente.

VM vê claramente que ninguém negará este poder da parte inteligente naquele corpo nem o poder deste na substância ainda que espiritual de que se compõe(m) o homem. Vamos agora observando as propriedades destas duas substâncias enquanto estão unidas e que uma obedeça à outra tão placidamente que todas as suas acções tendam à sua conservação que é o estado da saúde.

1. Temos a faculdade de perceber os objectos que entram pelos cinco sentidos. VM sabe que muitos incluem na classe destes a fome e a sede e aquele inquieto estímulo que incita à geração. Aquele sentimento se faz no sensorio comum no qual fica impresso de tal modo que fica persuadido da existência do objecto, da sua distância, estimativam^{te} da sua cor, e outras propriedades que alcança dele.

2. Temos a faculdade de conservar naquele sensorio comum, ou princípio de todos os, aquelas ideias ou impressões que [a]presentaram os sentidos quando falamos, discorremos, e tratamos destas impressões conservadas. Esta acção se chama memória. Bem se vê que esta potência é material porque por várias doenças se extinguiu às vezes e totalmente.

3. Temos também a faculdade de perceber cada objecto de três diferentes modos. Ideia agradável, ideia desagradável, ideia indiferente. Ponho a mão dentro de água fria e sou obrigado a retirá-la porque não me agrada; ponho a mão fria dentro de água morna, aquele suave calor me convida a deixá-la mais tempo porque aquela sensação me é agradável. Vejo um globo de metal, contemplo as suas propriedades na sua aptidão para voltar-se posto em movimento, aquela ideia nem me é grata nem ingrata e somente placidamente fixa a minha atenção. Considera por acaso um gramático a etimologia da palavra *infame*[:] na[s]ce nele uma ideia que o não move nem a pena, nem o desgosto, porém se alguém lhe deitar na cara o opróbio de infame logo a mesma palavra, que lhe era indiferente enquanto inquiria a sua etimologia, lhe causará a ideia mais ingrata e mais atormentadora.

4. Enquanto o corpo e a potência da alma que chamamos vontade vivem em união natural e perfeita saúde ambas estas substâncias se movem e obedecem mutuamente. Quero mover o dedo polegar para fechar a mão, o movimento; quero a mão toda em um instante fica aberta. Chego sequioso a uma clara fonte, a vontade condescende a mover os músculos que servem a beber.

5. Mas além destes movimentos regrados e que dependem do arbítrio, produzimos e fazemos outros

sem que se aperceba a vontade. Vê o menino nas mãos da mãe uma maçã, agrada-lhe no mesmo instante [e] começa a mover todos os seus músculos, estende os braços e as mãos tão a propósito que a apanha como o mais perito anatómico. Aquele querer ou não querer produziu aqueles movimentos que de antes não existiam e sem conhecimento do menino nem reflexão alguma mais do que a força do que lhe agradou.

6. Temos a faculdade de perceber todas as sensações agradáveis ou desagradáveis não só causadas pelos objectos imediatos mas também por aquelas impressões que ficaram impressas no sensorio comum.

Esta Snr. D.^{or} é uma propriedade tal do nosso corpo vivente que é a origem de toda a metafísica que se estende com inumeráveis ramos por todas as ciências e que na Medicina largou a maior parte deles. Do meu modo rasteiro, com a cordialidade com que amo e venero a VM, lhe direi como o compreendo e quanto uso podemos fazer dele para sermos mais úteis aos homens por cujo bem devemos pensar como parte deles.

Sabe VM que todo o nosso corpo é composto de duas sortes de canais. A mais grossa e aparente é aquela que compreende o coração com todas as suas artérias, e veias pela qual circula aquele admirável e inimitável licor, quero dizer o sangue. A outra sorte é a mais subtil sita no mais oculto e profundo do corpo. São os nervos que saem da *medula oblonga* que é o mesmo que o remate do cérebro e do cerebelo. Como o coração é o princípio e o fim das artérias assim aquela *medula oblonga* é o princípio e o fim dos nervos e dos seus efeitos. Vê VM com quanta razão chamou Hipócrates o corpo vivente um círculo. Mas aqui há outra maravilha maior. Separe VM todo o cérebro e cerebelo ou substância branca, separe toda a *medula oblongata* e todos os nervos que saem dela, de todo o sistema das artérias e das veias e verá um corpo perfeito ficando somente aquele vazio onde estavam as artérias e as veias o que VM verá na Neurologia de Vieussens. E para que tenhamos deste corpo sensiente e movente uma ideia mais completa, separe VM o coração com todas as artérias que saem dele com a sua continuação que são as veias e que vêm por dois canais acabar no coração direito, e verá que farão na aparência um homem sanguíneo o que VM poderá ver nas tábuas anatómicas de Vesálio. O vazio que haverá entre estas artérias e veias o ocupavam os nervos. Tem VM dois homens, dois corpos, ambos da mesma figura, da mesma grandeza, e das mesmas dimensões. O officio do homem nervoso é de sentir e de mover o todo por meio dos músculos. O officio do homem sanguíneo é de animar, nutrir, conservar

a si e à espécie mas com tal dependência um homem destes do outro como um círculo dentado com outro semelhantemente armado. Sydenham, o Hipócrates dos nossos tempos, sem maior conhecimento que a reflectida observação, chamou aquele homem nervoso homo internus e aquele sanguíneo o considera como casca do corpo vivente.

Ora vejamos agora como sentimos e como nos movemos. Enquanto estes dois sistemas estão no seu estado natural, todos os objectos que entram pelos sentidos continuam a sua sensação até à *medula oblongata*, mas primeiro explicarei em que parte do nervo se faz a sensação, já que sabemos em que parte se termina. Ponhamos o exemplo naquele par de nervos mais avultado que forma o sentido da vista. Estes são os chamados ópticos[;] estes nervos não exercitam o seu ofício de ver senão depois que largaram a túnica da pia e dura madre com que saem forrados como em bainhas. Logo que fica o nervo nu, dele se forma a retina dos olhos nos quais se faz a vista de tal modo que nenhum nervo dentro do crânio nem fora dele, enquanto está forrado com as ditas túnicas da pia e da dura madre, não sente nem representa o objecto que o toca. Distribui-se V.g. o nono par de nervos e o oitavo na língua ao coração e ao diafragma, tanto que chegam àquelas partes as túnicas de que vinham forrados se espalmam e se estendem na língua ou no coração e formam túnicas mui subtis; fica a polpa do nervo nu e se formam em pequeninos pontos como cabeças de alfinete. Nesta polpa ou papilas de que se faz o sentimento, nestas papilas ou polpa é que se faz a vista; nesta polpa no ouvido se faz o ouvir; nesta polpa coberta da epidermis se faz o sentido do tacto, mas com tal artifício que logo que aquela polpa sente continua aquela sensação grata, ou ingrata, ou indifferente até [a]o sensorio comum ou *medula oblongata*, ali termina a sua impressão. Esta impressão se conserva ali e esta é a memória.

Há nervos que servem para ver, ouvir, causar sede: há nervos que servem para dar gosto, titilados brandamente fazem uma sensação agradável; os mesmos roçados e esfregados fazem dor; os mesmos tratados mais rudemente até quase ao último grau da sua jurisdição causam dor violentíssima. Mas há nervos que tocados rudemente mesmo na sua polpa jamais causam dor. Os nervos do par oitavo, e intercostal que se distribuem ao coração, diafragma, ventrículo, duodeno, fígado, até [a]o mesentério, tocados nas suas polpas ou fins aonde se terminam não causam dor, causam ansiedades, aflição, tormento, inquietação. Todos sentem e todos transmitem ao sensorio comum, de donde na[s]ceram, a sua sensação. Mas cada sensação é diferente[;] a sensação de ver é diferente daquela de ouvir; a sensação de gostar é di-

ferente daquela do tacto[;] esta diferente daquela da ansiedade e assim do resto. Aqui tem VM como os meninos percebem as primeiras impressões dos objectos que entram pelos ouvidos.

Mas dirá VM: se não tivermos outro caminho por onde entrem as impressões dos objectos que conhecemos como poderemos jamais discursar nem conceber o que é Espírito, Anjo, Glória, Deus; como poderemos conceber os nomes abstractos e o que por eles se significa como virtude, reputação, ódio. Como poderemos conceber o que é a quina sem a ter visto, discorrer do fogo elementar e enfim de todos os objectos que não entram pelos sentidos ou que tocam aquelas papilas de nervos que são a sua polpa? Devo este conhecimento ao meu amado e venerado P. M. Manuel Baptista de quem aprendi Filosofia em Coimbra e ainda que ele teve por guia o P^e. Cordeiro [que] tão bem soube explicar, e inculcar esta doutrina que o reconheço sempre per pro^o. autor. Tudo o que não entra pelos sentidos o concebemos ao modo da ideia e da impressão que temos das cousas corporais[;] deste modo conhecemos a alma racional que concebemos como um espírito e o vulgo como uma linda menina, representamos um anjo como um menino com asas e a Deus como a uma luz sem termo, puríssima, sem mudança. Sempre a imitação da ideia daquele que vemos ou vimos do Sol. Do mesmo modo concebemos os nomes abstractos e o que por eles se significa. Não me estendo mais nesta matéria por ser vulgar e vou-me apressando a tratar das mais propriedades.

A todo o vivente implantou o Altíssimo aquele sumo desejo de conservar-se e de produzir seu semelhante. Estes desejos são a origem de todas as paixões da alma. Se o vivente racional usar dela com a moderação que requer o seu natural e o seu estado satisfará o objecto para que lhe foram dadas[;] mas se os desejos ou a aversão passarem além da medida de se conservar, servirão à sua destruição.

Temos a propriedade de imitar o que vemos fazer e mesmo padecer[;] é este princípio causa de muitas utilidades para conservar-nos e causa também de muitos males que nos destroem.

Tenha nos braços a amorosa mãe o seu filhinho quando o quer alimentar com a papa[;] não queira este abrir a boca, toma ela então a comida no dedo, chega-a aos beiços, move-os, finge que engole. A criança atenta logo abre a boca, logo mastiga e se alimenta, Galeno no Comentário das Epidemias traz esta constante observação para provar que a natureza, sem ser instruída, produz admiráveis movimentos somente pela imitação.

A maior parte das acções da vida civil que fazemos, que aprovamos ou reprovamos, dependem destes princípios. Entramos a ver representar uma co-

média ou a ver uma corrida de touros. Consideramos o espectáculo todo[s] cheio[s] de esperança de divertir-se e alegrar-se. Vemo-lo contente, risonho [e] pensamos que participaremos no mesmo divertimento[;] e em um instante e de pensativos tomamos o semblante dos circunstantes.

Vamos ouvir um sermão de exéquias [e] vemos na Igreja aquele aparato lúgrube, rcparamos no auditório sisudo, morno e pensativo[;] entra o pregador com voz lúgrube adequada ao assunto do sermão, imitamos na cara, no gesto, e no pensamento todo aquele auditório.

Lemos em Suetónio as maldades, as infâmias e sobretudo a tirania de Nero e não nos movemos nem detestamos com horror aquelas acções tão debeladas. Lemos as mesmas em Tácito [e] não podemos continuar com a leitura[;] ansiamo-nos, detestamos o homem tanto como as suas preversas acções. Quando Tácito escreve parece que era espectador, e que participava daquele flagelo da humanidade, movia-se escrevendo, e estes movimentos de aversão se comunicam ao leitor; Suetónio, pelo contrário, parece que tudo escreveu sem amor nem ódio seguindo as leis da História que Tácito ensinou e ele mesmo não seguiu.

Quantas vezes choramos e lamentamos ouvindo representar uma comédia ou tragicomédia como são as Castelhanas, Ainda que saibamos ser fábula a representação, imitamos o choro, a aflição, o gesto, o tom de voz do comediante porque temos implantado no ânimo aquele princípio da imitação.

Mas não para aqui o domínio deste princípio: pela vista entram aquelas sensações das acções morbosas [e] tal impressão fazem no sensório comum que produzem os mesmos males. Somente vendo atentamente um epiléptico, uma mulher histérica, uma hemorragia, um homem vesgo, caíam muitos nestes males. Ouvi dizer ao grão Boerhaave que houvera perto de Leyde uma escola pública de ler e escrever da qual era mestre um homem vesgo; todos os meninos em poucos dias observaram os pais que seus filhos tinham o mesmo defeito na vista. Esta foi a razão porque Quintiliano defende que a ama do menino que se há-de determinar a servir o público não seja gaga, vesga, nem disforme.

Refere Salmuth. (*cent.3ª Observ.56*) que morrera uma menina em acidentes epilépticos [quando] estava seu irmão presente. Cai no mesmo mal, escapa deste insulto, mas repetindo-lhe veio por último a morrer com convulsões semelhantes. No mesmo lugar se refere que dois amantes passeando-se em um jardim caíra a moça com um abundante fluxo de sangue pelo nariz. O moço ansiado, sem saber como (que) socorrê-la, tanto se alvoraçou que caiu em semelhante hemorragia.

Roberto Boyle (trait.douze da Philop. experimental) diz por cousa afirmada com muitas experiências que uma mulher histérica vista por outras no tempo do insulto que lhes comunicara a mesma enfermidade.

Nicolao Pechelino nas suas observações tão certas como estimadas e Mr. Mortimer, Secretário da Sociedade Real de Inglaterra referem (este nas *Transações* 484) que duas senhoras caíram em bexigas somente por verem ainda que de muita distância dois enfermos desta doença. Já disse a VM em outra parte me parece que em um recolhimento de Harlem em Holanda tanto que uma menina caiu em convulsões que a maior parte das suas companheiras caiu na mesma queixa e como Boerhaave curou este mal de natureza epidémica. O maior estrago que faz a peste não é somente pela sua [en]venenada violência: tem ainda muitas causas simultâneas quais são o terror e o medo da morte, mas uma das principais é de ver morrer. Admirar-se-á quem não tem lido a história eclesiástica e profana. O presidente de Thou na história dos seus tempos Lib.36 refere que na guerra de 1589 entre os de Génova e os de Saboia aparecera uma epidemia entre os dois exércitos que se comunicava somente vendo os são aos enfermos. Eram os sintomas dela tremores contínuos com delírio. Refere Miguel de Montaigne nos seus Ensaio (em francês essais) que na guerra de Milão na qual militar a seu pai os habitantes desta populosa vila tanto se acostumaram aos honores da morte que homens, mulheres, e ainda os meninos saíam a afrontar os perigos, desejando morrer com tal ânsia que parecia frenesi sendo o pai de Montaigne testemunha desta desesperação ou doença do juízo.

Tantas tísicas nos conventos e tantos males histéricos pode ser [que] muitas vezes procedam desta origem.

Como há epidemias que fazem apodrecer os nossos espíritos e humores assim há epidemias que ofendem somente aquela parte sensitiva; o princípio desta desordem também procede de sermos forçados a imitar o que vemos fazer ou padecer.

Refere Plutarco (*trat. de virtutib. mulier.*) que em Mileto, cidade de Caria, se gerou tal constituição do ar que todas as donzelas se matavam sem causa alguma; parece que as primeiras que foram as vítimas desta epidemia serviram de original às mais para se matarem igualmente. Nem todos os que morrem no tempo da peste morrem de doença. Como já disse-mos muitos morrem por verem morrer.

Parece também que aqueles sectários que contraíram tão rapidamente as heresias ou falsos dogmas das religiões erradas foram mais determinados pela imitação do que pela força das razões sólidas que

pregavam e declamavam os heresiarcas. Quem ler a História Eclesiástica, e a Maometana nesta parte, verá facilmente que não é tão precário o que aqui se propõe(m).

E quem dissera que deste princípio de imitarmos o que vemos fazer, e padecer [é] que depende muita parte a concórdia das sociedades? Somos instrumentos temperados ao unísson[o], tocada que for uma corda as mais vibrarão um tom semelhante. Estamos em companhia, por acaso um de maior autoridade ri[;] inesperadamente, sem nos apercebermos, todos rimos, tossimos, escarramos sem pensarmos, somente porque ouvimos que outros circunstantes tosem e escarram com decoro. Deixo muitas outras provas que pertencem aos políticos e a quem tem a seu cargo governar os costumes.

Na[s]cemos destituídos de muitas defesas e comodidades de que gozam os animais logo que na[s]cem. Somos logo mais fracos, mais inermes que eles, mais sujeitos às injúrias do ar e com menos instinto para evitar o que nos pode ser prejudicial e buscar o necessário para a nossa conservação. Pouco era na verdade necessário para satisfazer estas necessidades, mas o homem foi tão engenhoso a aumentá-las e a dar a cada momento evidentes sinais da sua fraqueza e vaidade que ultrapassam de muito a tudo o de que os animais necessitam. Leia VM lhe peça aquele prefácio do sétimo livro de Plínio e observe que depois de lamentar a miséria, a fraqueza e a ignorância do homem continua ainda por estas palavras “*uni animantium luctus est datus, uni luxuria et quidem innumerabilibus modis ac per singula membra; uni ambitio, uni avaritia, uni vivendi imensi cupido, uni superstitio, uni cura arque etiam post se de futuro. Nulli viata fragilior, nullum omnium rerum libido maior, nulli pavor confusior, nulli rabies acrior. Denique cetera animantio in suo genere porbede-gunt...est Hercules homini plurima ex homine sunt mala*”. Desta multidão de desordenados (pela maior parte) apetites que o homem inventou procedem o vigor, o número, e a variedade das paixões d’ alma.

Temos pela simples observação mostrado de que modo percebemos os objectos que entram pelos sentidos, de que modo se conservam no sensorio comum, de que modo nos movemos e aonde reside este movimento. Especifiquemos agora de que modo se geram as paixões d’ alma, aonde reside a sua origem e aonde se mostram. Consideraremos os seus efeitos tanto no ânimo como no corpo.

Todas as paixões d’alma são actos repetidos do mesmo objecto agradável ou desagradável.

Vê uma criança a luz de uma vela. Levada ao agradável da flama a quer tomar com a mão[;] queima-se, retira-se; ficou impresso no sensorio comum aquela

sensação ingrata e quanto mais intensa ela for mais aversão ficará para outra semelhante sensação.

A primeira vez que um cervo ouve no monte um tiro ou latido dos cães não teme[;] salta atordoado e logo que se sossegou aquele estrondo ou ruído o animal pára. Mas quando um velho cervo que foi caçado, perseguido e ferido, chegou a ouvir um tiro ou mínimo latido de um cão, então salta, corre, excita-se nele a ideia ingrata da ferida e do cansaço, já tem medo, e com ele corre até às vezes se ir meter na água.

O menino que se queimou a primeira vez com a flama da vela não temia a queimadura porque dela não tinha sensação nem memória, mas se depois de haver-se queimado o obrigassem a pôr a mão na mesma flama logo temeria, gritaria, mostrando a maior aversão.

Se correremos pelas sensações de todas as paixões, acharemos que é necess^o. que o homem tenha primeiro todas as sensações impressas no sensorio comum que lhe são agradáveis para a sua conservação, ou desagradáveis porque lhe causarão a sua destruição, para romper ou manter movimentos vigorosos que lhe chamamos paixões da alma.

Passeie um homem de noute em uma dilatada sala sem luz com uma criança nos braços[;] acenda-se no canto dela uma porção de pólvora sem ser advertido. No mesmo instante, teme, treme, e ficará pálido e sem sentidos; pelo contrário, a criança não dará sinal do menor susto. Quando este homem foi tão violentamente atacado do medo foi porque sabia previamente os horrendos efeitos da pólvora. Lembrou-se em um instante do estrago que fez nos edifícios e nos homens. Nenhum deles conhecia o menino e não se assustou nem temeu.

Tanto mais vivas e penetrantes forem as primeiras impressões que adquirimos das cousas que podem servir à nossa conservação ou destruição, tanto mais forte será a paixão por toda a vida quando aquelas impressões forem renovadas.

Já vimos a forte impressão que fica dos efeitos da pólvora e porque razão causa tanto medo. Descartes afirma que toda a vida amou os olhos verdes porque na sua adolescência estivera enamorado de uma moça que os tinha semelhantes. Aquela sensação permanente que se conserva no sensorio comum logo que se excitava por impressão semelhante se renovava e se seguia a paixão para abraçar o novo objecto com eficiência.

Daqui vem que chamamos [e]stúpidos e fátuos aqueles em quem as sensações não fazem impressão alguma no ânimo, não ficando não se renovam por outras e nestes não se conhecem paixões.

Até agora temos mostrado como se geram as paixões que dependem do sensorio comum e que são totalmente materiais[:] agora falaremos daquelas que afectam a alma.

Nenhum animal nem ainda os meninos, quando percebem uma sensação que entrou pelos sentidos, compara esta com outra semelhante impressão. Esta comparação é lembrar-se do tempo passado, a medida dele, a situação, e outras circunstâncias que acompanhavam aquela primeira sensação; só o homem dotado de razão é o que compara as sensações presentes com as passadas, que combina as qualidades de uma com outra. Deste modo a alma produz conceitos ou ideias, enuncia, e explica este conceito por muitas palavras que chamamos julgar e discorrer; além disso o homem inteligente e dotado de razão não só compara as ideias presentes com as passadas mas ainda as combina com o futuro. Estas combinações fazem-se pela reminiscência, e não pela memória. Mas para o racional usar desta propriedade como para produzir conceitos, julgar e discorrer, necessita que o seu ânimo esteja pacato, o seu corpo são e que obedeça ao império daquela espiritual vontade ilustrada já com as combinações que fez, excitadas pelas sensações que existiam no sensorio comum.

Considere VM a pintura que faz Horácio, *de arte poetica*, 158 *et seq.*, da puerícia e da adolescência e observará todas as acções destas idades não serem mais que a sucessão das sensações gratas ou ingratas. Chega a descrever a idade pueril [aonde] já os seus desejos são mais combinados com acções passadas e futuras, já são filhas da vaidade e daquelas ideias abstractas que adquirimos no mundo tão vãs como pomposas[:] honra, glória, e autoridade.

*...actas animusque virilis
querit opes, et amicitias, inservit honori
commisisse cavet, quod mox mutare labore*

Se VM ponderar o lugar de Plínio já citado achará nele maior matéria de ideias novas que são tantas combinações ou conceitos abstractos das sensações do sensorio comum. Ali verá a luxúria refinada, a ambição, a avareza, a superstição, a vaidade de viver na memória dos homens depois de morto e por último chorar a morte dos que amou como se injustamente o autor da natureza lhes tirasse a vida.

Tantas mais ideias ou conceitos adquirimos semelhantes aos referidos, tanto pela educação como pela força das leis políticas às quais estamos sujeitos tanto que começamos a discorrer, tanto maior matéria teremos para cair em mil paixões da alma que não conhecem os animais.

Vemos defender umas conclusões da Filosofia publicamente com inteligência sem excitação de pala-

vas nem falta de memória. Vemos responder e infringir os argumentos que [a]parecem com força dos silogismos e da voz sonora que conturbariam o defendente, com tal graça e agrado no gesto que todo o auditório rompe em aclamações de vitória [e] ficou o sensorio comum e também a alma do novato ocupada desta acção gloriosa. Considera-o como sumo bem ser superior e louvado por tão doutos e respeitadíssimos mestres e pelo auditório dotado das mesmas virtudes. Chega este mesmo a fazer o mesmo acto mas tudo faz pelo contrário, observa a cara dos mestres tristes, dos discípulos alvoraçada e dos circunstantes descontente; nasce neste novato a paixão mais violenta da desonra, nesta se inclui o medo, a vergonha e o desprezo. Se este estudante ignorante nunca tivesse formado o conceito daquele universal aplauso que se segue ao saber e sabê-lo mostrar, se nunca tivesse combinado aquele conceito presente da sua insuficiência com a capacidade daquele estudante louvado e aclamado nunca sentiria uma paixão de alma como sofreu por ver-se reprovado.

Deste modo se geram as paixões da alma que dependem da reminiscência, da combinação de sensações passadas, presentes e futuras. Essas são aquelas que transladei acima de Horácio e de Plínio e não necessitarei, me persuado, a alargar-me em especificá-las.

Estas são as paixões que nos fazem viver uma vida contenciosa, e turbulenta, Estas são as que levam tantos racionais à sepultura; aquele afano de ser estimado e venerado, aquele cuidado e tormento de querermos obrigar os que nos conhecem e ainda os que não conhecemos a que pensem bem de nós; a que desastres, inquietações, vigias e desgostos nos não precipitam. Aquela tão significativa frase de Horácio *inservit honori* o explica melhor que tudo o que eu pudera ainda dizer.

Goza o homem também, como o animal, de muitos gostos e comodidades e sente(m) e sofre(m) igualmente as ingratas sensações das dores, da fome e da sede[:] mas estas sensações são mui limitadas comparadas com aquelas que forma o homem e compõem a sua imaginação. A maior parte do que este imagina mais serve para a nossa destruição do que para a nossa conservação e portanto a natureza só por este fim nos deu o contentamento e a dor que dependem das sensações corporais. Ela representa à alma ilusões e fantasmas e também a força e o enleio de se ocupar e meditar nelas. Quantas vezes quisemos depor do nosso entendimento nas pertinazes vigias estas imagens exageradas do gosto e do medo sem sucesso ainda [que] ardentemente desejado. Mais agitada fica a alma por estas desregradas imagens do que pelos mais sensíveis objectos físicos;

então a alma deprimida perde a faculdade de julgar e às vezes também de querer. Neste caso diz Mr. de Buffon, *hist. natur. tom.4, p.44*[:]tanto que quisermos ser mais felizes do que a natureza nos permite logo seremos desgraçados. Tudo o que nós procuramos e buscamos mais do que a natureza nos pode dar tenhamos por certo que não será mais que pena, ânsia, e tormento e que não há gosto perfeito senão o que vem da sua mão.

Todos os que trataram esta matéria unanimemente assentaram que uma paixão da alma é uma doudice momentânea[;] aquelas violências de amor e de cólera ocupam e deprimem tanto a alma que não fica capaz de pensar outra cousa, não pode comparar o pensamento com o passado nem pensar o futuro. Ampara-se de todas as potências tanto espirituais como corporais aquele *impetu faciens* de Hipócrates que são todas as forças reunidas no sensório comum e que se distribuem ao diafragma e a todos os nervos, como veremos abaixo.

Veremos agora o contrário que é um homem prudente, homem como Sócrates a quem Deus concedeu o juízo inteiro em um corpo são. Este, quando percebe um objecto real ou arbitrário, que pela maior parte depende(m) da opinião, o compara com outros que concebeu antecedentemente e com todas as suas circunstâncias. Compara também com ele o futuro até que forme um conceito e que se determine a vontade[;] o que tudo tão apropriadamente significou Virgílio:

Quæ sunt, quæ fuerint quæ mox ventura sequamur.

Logo uma paixão da alma não é mais do que uma doença dela; não é mais do que uma fraqueza, e o seu ser mais limitado e oprimido. Chamamos maníaco não aquele que não discorre mas aquele que com ferocidade discorre de um só objecto sem ordem e sem comparação do verdadeiro, do honesto, nem do útil. Este é o estado do cativo da paixão da alma violenta e este é o que chamamos doença. Só Juvenal, *Satyr. 10* parece-me o compreendeu melhor que os mais poetas e filósofos porque o exprimiu melhor que todos:

*Orandum est ut sit mens sana in corpore sana,
fortem posse animum & mortis terrore carentem
Naturæ, qui ferre, queat quoscumque labores
Nesciat irasci, cupiat nihil, et potiores
Herculis ærumnas credat sævosque labores
Et venere, et cænis, et pluma Sardanapali*

Pode ser que VM me acusará que larguei o que necessitava tratar para discorrer de uma matéria que parece alheia da Medicina, mas espero que VM achará

acertado o referido depois que vir a história dos efeitos das paixões da alma e quanto pertence o seu conhecimento tanto moral como físico ao médico prático.

Galeno, *de Caus. Sympt.*, c.5, reduziu todos os efeitos das paixões a dois movimentos universais no corpo humano. Aquele da periferia dele para o centro, que se faz com o medo, com a tristeza, o contrário deste é quando o movimento é do centro para a circunferência o que sucede nas paixões da alegria, ira, e esperança; mas como esta divisão, ainda que certa na Medicina, não compreenda todas as que chamamos paixões seguirei a descrição de Varrão, alegado por sério, (*Coment. ad Lib.6, vers.733. Virgili*) do modo seguinte. Há quatro sortes paixões da alma[;] as primeiras duas são contrárias à nossa conservação, a dor e o medo. A primeira é a percepção do mal presente, e a segunda a percepção do mal futuro ou impendente. As outras duas são o contentamento e o desejo[;] a primeira afecta o ânimo actualmente, a segunda com a percepção do futuro. Virgílio compreendeu todas no verso já citado:

Hinc metuunt cupiuntque, dolent gaudentque,...

Nestas duas classes de dor e de medo se incluem várias espécies de paixões[;] a dor do ânimo que nós chamamos do coração e os latinos *agritudo* é quando o ânimo está tão deprimido pelo mal presente que não pode pensar noutro objecto. A dor pela morte da coisa amada se chama o *planto* ou *luto*. A dor que sentimos pelo aumento de quem não amamos com paixão chamamos inveja. A dor que sentimos pela miséria alheia *misericórdia*. Por haver cometido acções contra a consciência *penitência*. A dor e a tristeza que sentimos por não achar remédio à ideia do mal que nos ocupa desesperação; a dor da perda ou da ausência do objecto amado *saudades*.

O medo produz aquela ideia triste que percebe mal o futuro ou impendente. Mostra-se na cara descorada. Se for súbito então tememos, arrepiam-se todo o corpo e os cabelos, a circulação vem lânguida, todo o corpo se encolhe e se faz todo o movimento de circunferência para o centro.

O medo da moléstia que acompanha o trabalho é a preguiça. Tudo o que nos representa o ânimo para desistir do honesto trabalho, tanto da nossa conservação como para alcançar as comodidades honestas da vida a que pertençam a obrigação ou a ser útil à sociedade, são paixões desordenadas que os Latinos chamaram com vários nomes quais são: *desidia*, *ignavia*, *inertia*, *segnities*, *socordia* e *vecordia*.

O medo de cometer cousas injustas ou desonestas se chama *vercundia* ou vergonha. O medo que temos de ser convencidos pelas más ou injustas acções que

cometemos é o que chamamos *pejo* ou *puor*[;] ambos se mostram pela cara vermelha e olhos baixos e por falta ânimo.

O medo que incertamente nos representa o dano ou do corpo ou da reputação e com tristeza e aflicção, se chama *suspeitas*. Nesta classe entram aquelas paixões dos zelos, terror, pavor, horror, e superstição.

Sanctório (*Sect. 7 dos Aforismos*) demonstrou a ideia que Galeno fez das paixões dor e medo[;] observou que a transpiração insensível se diminuía, que o pulso vem lânguido, que todo o corpo se encolhe e vem seco, que as potências da alma perdem do seu vigor, a memória vacila, o juízo vem confuso e o discurso impedido, a respiração varia e se a dor não for violenta sempre é lânguida e rara.

De donde vemos que o corpo neste estado é fraco e, por consequência, que o ânimo se afecta com ele. Tão fortes serão as ditas paixões tão vários serão os seus efeitos no corpo humano. Há males hereditários tanto corporais como do ânimo. O terror que sentiram as mulheres prenhes dispõem os cérebros da sua prole a mover-se mais facilmente com semelhantes sensações. Jacob VI da Inglaterra não podia ver espada nua porque sua mãe, estando dele prenhada, se assustou vendo ferir um seu súbdito.

Trazemos outras mais disposições hereditárias que influem nas acções que fazemos para toda a vida. Além disso há temperamentos naturais ou adquiridos pelo modo de viver e de doenças que incitam o ânimo a produzir mais facilmente umas paixões do que outras.

Observou Haller [qu]e aquelas dores mornas do coração (*animi agritudinis*) encolhem e cerram todas as partes do nosso corpo dedicadas ao movimento. Dissemos acima que o officio dos nervos tanto na sua origem, que é a medula oblongata, como nos seus fins quando se espalham nas partes aonde acabam, era de sentir e de mover. É força que eles mesmo não-de ser os instrumentos de encolher e cerrar ou do estender e alongar as partes aonde se terminarem. O mesmo célebre autor na dissertação *de nervorum in arterias imperio, 1744. L.5*, mostrou evidentemente que as artérias que se distribuem pela cara, garganta, bofe, coração, diafragma e mais vísceras todas tinham nervos que as abraçavam e enrodavam de tal modo que encolhendo-se ou estendendo-se algum destes logo o sangue da artéria ou se deti[nh]a nela ou se acelerava. O nome destas artérias abraçadas e enlaçadas com os nervos do par sétimo, oitavo e do intercostal [são] a subclávia do tronco da aorta, as artérias dos braços, ambas as mesentérias e as celíacas Naquela judiciosa observação se vê claramente que o pulso pequeno, a respiração interrompida e rara, a cor da cara mudada, as insónias, as dores de

cabeça, lassidão e peso de todo o corpo, as ânsias e sufocações, os aneurismas e pólipos do coração e da aorta, os desmaios, a desesperação, a coagulação dos humores até à morte, [o] marasmo, o pericárdio como vi pegado ao coração depois da morte, provêm das alterações que recebem as artérias pela força dos nervos que as abraçam, encolhidos e cerrados ou tirados para a sua origem.

Mas para que mais perfeitamente fiquemos convencidos dos efeitos das paixões do ânimo no corpo direi em breves períodos os danos que sentimos nella naquela parte tão sensível que é a boca do estômago como se chama comumente e os médicos chamaram *scrobiculum cordis*.

Hipócrates (*[Lib].2 de morbis, sect. 7^a editit. Vanderlinden*) falando das paixões da alma diz “cura (œgortir morbus difficilis in visceribus velut spina esse videtur et pungere et anxietas cum corripit et lucem, ac homines fuggit et tenebras amat, et timor invadit et septum transversum forastum et contractum dolet et expavescit, et terriculamenta ac somnia horrendavidet quandoque etiam mortuos & ^{aa}”.

Helmontis (*tractatus de imago mentis, demens idea, sedes animæ, ad morbos, Archæus faber*) por muitas observações remarcáveis assentou que o principio de todos os movimentos que causam as enfermidades, residia no piloro e que o seu império se estendia até afectar a nossa alma.

Todos os médicos até agora concordaram que, enquanto o homem está pacato e em perfeita saúde, que pela força de vontade não poderá acelerar o movimento do coração nem impedir que o estômago não digere (digira), nem que do sangue se separe a saliva, a cólera, a urina e a matéria seminal; todos também experimentaram e qualquer em si o poderá experimentar que logo que um homem sente uma forte dor, um tiro, estando descuidado ou aflito com medo, tristeza, ou qualquer paixão violenta, que não só todas as acções naturais e vitais se alteram prodigiosamente mas que sente um peso ingrato, uma ânsia, um como inchaço molesto na boca do estômago. Aquele lugar é como o ponteiro que indica o estado do nosso pensamento, triste ou alegre, contente ou descontente. Recebemos uma nova agradável, chegamos a abraçar um amigo que não esperávamos, somos estimulados pelo vigor da mocidade à propagação da nossa espécie, sentimos na boca do estômago, naquele lugar debaixo da espinhela, uma sensação tão agradável, uma consolação tão suave que todo o corpo o resente como descanso, e o ânimo como alegria.

A leitura dos médicos gregos me instigou a considerar se o diafragma era aquela parte que sentia ou aonde residia aquele sentimento grato ou ingrato, ou a boca do estômago ou o piloro, como assentavam a

maior parte dos médicos, e achei, anatomizando alguns cadáveres, que só Hipócrates disse a verdade neste ponto. Achei que a parte tendinosa, que comumente chamam nervosa, estava logo *debaixo da espinhela*; que a boca do estômago estava sita mais para a esquerda, achei que todos os nervos que se terminam no diafragma não somente eram os diafragmáticos mas que os do oitavo par, e o intercostal. Mas estes três nervos têm conexão mais íntima e mui considerável com todos os nervos que regem as faculdades animal, vital, e natural; daqui vem que logo que o nosso ânimo está ocupado e dominado por uma paixão que todo o sistema do diafragma como termo universal dos nervos se comove, se encolhe, se cerra, se estende e se alarga, que por outras palavras mais filosóficas adquire maior elasticidade ou inércia.

Vê VM no lugar acima de Hipócrates quão verdadeiramente observou este sintoma naquelas paixões de triste[za.] cuidado e aflição. Por esta razão a um homem em perfeito juízo diziam que estava em perfeito estado do diafragma, queriam dizer, sem paixões porque quando estes existem no ânimo logo vem enfermo[;] assim todas as paixões são enfermidades da alma e o ponteiro que as mostra são aquelas alterações do diafragma e como este se comunica em todos os nervos que servem ao sentimento e movimento, todos incita, todos deprime ou exalta. Ali parece que deve existir visivelmente aquele *impetum faciens* de Hipócrates como no coração existe a força de mover todas as artérias.

Já vimos acima que a maior ou menor violência das paixões depende da vária conformação e constituição do corpo humano. Observou [E]stêvão Hales (no seu tratado *Hemostaticks*) que os animais medrosos como os cervos, e as lebres tinham as fibras do coração mais tenras e laxas que os animais generosos. Que nos primeiros a circulação era sempre mais acelerada mas menor e que os contrários movimentos se achavam nos segundos.

As paixões acima ditas da tristeza e do medo nas constituições delicadas dotadas de uma imaginação viva, expressão agradável e de nervos delicados ainda que elásticos, as queixas que se geram são nas vísceras entrando nelas todas as desordens do(s) estômago(s) e dos intestinos. Estes [doentes] logo sentem flatos, dores de cabeça, zunidos nos ouvidos, ansiedades, convulsões, o ventre constipado. Estes todos vêm ou hipocondríacos ou histéricos.

Nas constituições robustas e laiertosas, aonde o vigor das artérias e do sangue são dominantes no corpo, as enfermidades que resultam destas paixões se mostram mais geralmente pelas enfermidades das artérias. Nestes (como vi) se fazem hemorragias, escarros e vômitos de sangue, aneurismas, pedras da be-

xiga do fel, icterícias, atrabílis, manias [e] epilepsias. Os zelos das mulheres turcas as faz morrer, e acabar miseravelmente nestas queixas às vezes em febres, hécticas e a desesperação é a última cena desta queixa como da vida.

Somos feitos com tal ordem que um exemplo exorbitante ou do ânimo ou do corpo basta para ressentirmos para toda a vida; ficaram por enfermos do estômago enquanto vivem aqueles que uma só vez comeram e beberam tanto que fizeram violência às fibras dele. Basta que por uma só vez a bexiga se estenda além do seu estado natural com a urina, para ficar, por toda a vida, meia paralítica. Do mesmo modo uma paixão violentíssima, principalmente no tempo que correm os lóquios ou os mênstruos, bastará para ficarem estas miseráveis histéricas enquanto viverem, como todos aqueles que as sofrerem, para caírem nos males acima referidos. Quando uma vez o sistema de nervos perdeu a sua elasticidade, fica este vício enquanto vivem. Deste irremediável estado desesperaram os médicos até agora [para] curar inteiramente os enfermos.

Já dissemos acima que quando o veneno da peste é violentíssimo mata em breves horas e às vezes instantes, não aparecendo outro sintoma mais que pintas negras em algumas partes do corpo. Se o veneno é tão moderado que ficam forças à natureza para expulsá-lo então aparecem náuseas, vômitos, diarreias, febres ardentes, delírios, convulsões, bubões e antrazes. Desta sorte de peste sempre escapa mais de a metade.

Do mesmo modo, quando as quatro sortes de paixões da alma são violentíssimas destroem num instante aquele princípio sensiente e movente e morre o homem. Se a paixão deixa forças àquelas potências então por lágrimas, soluços, suspiros, ânsias, gritos, tremores, convulsões, vômitos, diarreias, faz todos os esforços para emendar o dano que causou a paixão: se não houver tantas forças vitais ficam catalepticos, maníacos, às vezes fátuos ou melancólicos e desgraçadamente por toda a vida. Raros foram os médicos práticos que não observaram estes efeitos ainda que não lembre haver lido algum deles que dividisse e comparasse as paixões da alma como fazemos. Citarei as observações delas ordenando-as conforme a sua violência.

Refere Marcello Donatto *Lib.3. Cap.13.* que um menino indo pela madrugada à escola vira dous homens vestidos de negro e que se assustara tanto com este medonho aspecto que morrera subitamente.

Miguel de Montaigne nos seus *Ensaio, Lib.1 Cap.20* refere que um criminoso se atemorizara de tal modo ouvindo ler a sentença de morte que o acha-

ram morto aqueles que lhe traziam a nova do perdão de El-Rei.

O mesmo Marcello Donato ibidem diz que no cerco de Buda, na guerra do imperador Fernando I, um mancebo pelejara com tanto valor que a todos causara admiração. Cai por último: todos queriam ver o cadáver[;] tiraram-lhe o capacete [e] o pai que presenciou como pelejara, e que estava presente quando despiam o filho, fica com os olhos fixos contemplando-o e sem dizer palavra cai morto. Paulo Jóvio na história dos seus tempos e Marcello Donato atestam este facto.

Pintaram nesta paixão os poetas transformando em pedra dura os vencidos dela. Ovídio *Lib.6, v.301* representa Niobe depois de ver mata seus filhos deste modo:

*“Dumque rogat, proqua rogat accidit.
Orba resedit examines
inter natos, natas que virum que diriguít
que malis: nullos
movet auro capillos in vultu color est sine
sanguine lumina
moestis stant immota genis, nihil est ima-
gine vivi.”*

Mas mais patética e lastimavelmente nosso Camões representou Adamastor convertido no cabo tormentório pelo mortal desgosto do engano de Dóris:

*Não fiquei homem mas mudo e quedo e
junto de um penedo outro penedo*

Estes são os efeitos da suma tristeza acompanhada da des[es]peração. Vejamos agora efeitos menos violentos ainda que igualmente funestos.

Refere Schelhamerus (*tract. de animi affectib. Cap. 12, p.mihi 174*) que um pai avaro obrigara o seu filho a casar com uma mulher rica mas mui disforme e hedionda. Celebra-se o casamento, chega o tempo de a ver nua[;] tal horror se ampara do pobre moço que caiu em convulsões e em pouco tempo morreu epiléptico.

Refere o Presidente [de] Thou na história do seu tempo que Gorrens, aquele doutíssimo médico que nos deixou os dicionários das definições médicas, fora perseguido naquele calamitoso dia de S. Bartolomeu por aqueles que trucidavam os Hug[ue]notes e que tal medo se amparara do seu ânimo que por toda a vida ficou insensato deplorando ao mesmo tempo a perda que neste cultíssimo engenho fizera a leitura grega e latina. Stalpart Vandreviel (*Obs.1 cent.1*) refere que a mulher de um hortelão se assustara tanto por haverem entrado de noute ladrões na sua horta que os ossos do crânio se separaram podendo-se meter um dedo entre eles, que ao mesmo tempo caíra em uma violentíssima febre e que escapara.

Refere Roberto Boyle que uma mulher assentada perto de um canal de água com seu filho, este, como menino brincando, viera a cair nele no tempo em que a mãe estava descuidada. Levanta os olhos, vê o filho afogando-se [e] cai na paralisia de um braço, mal que lhe durou por toda a vida.

São inumeráveis [os] test^{os} que observaram que depois de sustos, tristezas [e] terrores, apareceram cirros nos peitos às mulheres de todas as idades e que facilmente degene[ra]ram em cancros e que nenhum veneno irrita mais o vírus canc[e]roso que uma paixão da alma. Veja-se Riveris, *cent.4 obs.57*; Schelhamerus, citada *p.180*; Pechelinus, *lib.3, obs.23 e 24* e sobre todos o que li em Bernerus no apêndice ao seu trat. de ...[p] 80.

Se fossem comuns os livros *Ephemerides Germanicae* não tivera o motivo de copiar aqui o que se lê nesta matéria no tom.9 e 10 de Curs.B obs.57. Em uma noite se viram cabelos brancos; ficarem mudos, apopléticos, perder a memória, abortos, fluxos de sangue, causam hérnias, paralisia do intestino coecum e cólon. Como vi e cuja observação anda impressa nas *Transacções Filosóficas*.

Estes são os efeitos das paixões violentas mas as moderadas podem às vezes curar algumas enfermidades, achando aqui verdadeira a consideração que fez o célebre Guntz, Físico-mor de El-Rei da Polónia, no comentário que fez ao livro *de humoribus* de Hipócrates (Lipsia, 1745. 8º, p.219), [de] que as paixões inesper[as] e os sustos não horrendos servem de cura a muitos males. Curou-se a paralisia causada por velhos reumatismos, a ciática, a hidrofobia, os fluxos de sangue, as quartãs, as febres, os soluços e as hérnias.

Mas é coisa notável que a mesma paixão produza efeitos contrários em vários corpos. Refere Marco Aurélio Severino (*de abscessum recondita natura*, p.197) que uma freira vendo entrar no seu convento soldados inimigos com as espadas desembainhadas caíra em tão enorme hemorragia que lhe arrebutaram as artérias de todos os orifícios do corpo até acabar a vida nesta evacuação.

Pelo contrário, vemos cada dia que aqueles que se assustam ficam sossegados e pensativos antes da sangria que apenas sai o sangue e às vezes gota a gota[;] põe(m)-se a atadura na cisura e depois de algum tempo, desatando-se para sangrar de novo, começa então o sangue a correr abundantemente. Já em outra parte considerámos os danos que causa o medo nas operações, razão porque não repetimos esta importante matéria e que tão raras vezes mereceu a atenção dos médicos nem dos cirurgiões.

Foram as paixões do medo [e do] terror às vezes saudáveis como testificam as seguintes observações.

Helmontis (*trat. Demens idea*, nº47) refere que muitos hidrofóbicos se curaram mergulhando-se na água fria descuidados, que o terror súbito e aquele medo de morte muda o sensório comum e ficam curados daquela ideia falsa que tinham de antes. Os maníacos, por semelhante operação, e os enamorados ou [com] delírio amoroso, se podem curar por semelhante método ainda que depois seja necessário curar o corpo. O mesmo autor relata muitos enfermos curados pelo terror quando os mergulham detidos da hidrofobia e mania, donde é falso que a água do mar é que cura a hidrofobia banhando-se nela.

Vimos acima que o terror e o pavor podem causar a paralisia mas temos observações que a mesma paixão curou o mesmo mal. Os efeitos desta paixão sempre seguem a disposição do corpo. Caiu um homem em uma hemorragia ou paralisia[;] com o susto todas as partes sólidas se relaxam e ficou o corpo neste estado. O mesmo medo, terror e pavor em grau menor fez encolher os nervos daqueles que estavam doentes da hemorragia ou paralisia[;] assim a circulação pára e suprime a evacuação do sangue com os músculos que estavam paráliticos.

Refere Salmuth (*cent.1^o, obs.48*) que um artrítico, tendo os pés com cataplasmas feitos com nabos para aplacar as dores [e] entrando um porco no lugar aonde estava, começou a roer a cataplasma[;] tal terror se emparou do seu ânimo que começou a saltar e a correr, de que ficou curado.

Milhares de observações atestam que as febres intermitentes por acaso se curaram por estas paixões violentas. Já a VM disse em outra ocasião que na segunda viagem que Vasco da Gama fez à Índia, tocou o navio na terra[;] havia neles muitos febricitantes [e] com o medo e susto que tiveram todos ficaram curados dela.

Fora transladar o que se acha no citado tomo das *Ephemerides de Alemanha*, pag.114 & 115, se quisesse continuar esta matéria; basta para sua inteligência sabermos que a mesma paixão em diferente grau e diferentes constituições e estado de corpo pode causar e curar as mesmas enfermidades.

Perguntará VM se poderemos seguramente incitar e fazer uso destas paixões, medo, e tristeza, susto e horror para curar fluxos de sangue, paralisias, hérnias, hidrofobias, manias e febres intermitentes. Ao que respondo que se não devem pôr em prática estes métodos violentos quando houver outros remédios mais seguros, mas se totalmente não tivermos outros poderemos usar deles como usamos na hidrofobia e nas manias [;] e se o corpo se deve incitar por paixões, as menos perigosas são aquelas da ira e da esperança de que falaremos abaixo.

Vimos acima que o medo de cometer acções contra a nossa reputação ou conservação se chama *vercundia* ou vergonha e que o medo de sermos difamados por haver cometido crimes se chama pejo ou pudor.

Trataremos desta paixão como sintoma do efeito hipocondríaco do qual raríssimos são os A.A. que falaram e trataram dela, e veremos os seus efeitos.

Na língua grega se chama a este efeito dificuldade de olhar para o objecto que se quer ver. Os que se envergonham sentem na boca do estômago uma ansiosa angústia, um como nó na garganta, não respiram por alguns momentos, fica o ar dentro do bofe, adquire aí maior raridadc, estende-se, comprime as veias pulmonais que levam o sangue ao ventrículo esquerdo[;] não se vazando o ventrículo direito, não pode entrar no *sinus* do mesmo lado o sangue da veia cava superior que traz o sangue da cabeça. Daqui vem que o sangue se espalha pela cara, além disso os nervos se encolhem e aquela porção do par sétimo que se espalha por toda a cara comprime as veias das fontes; daqui fica por mais tempo a cara vermelha, o pensamento se turba, turba-se a memória, o pulso é vazio e irregular[;] então se sente[m] na cara ingratos e dolorosos movimentos, todos os músculos se retiram e se mudam de mil modos, os olhos vêm turvos, fica todo o ânimo com todo o corpo consternado.

Também sinto esta paixão meu S.D.^{or} porque a soffro há catorze anos. Ela tem sido a causa da vida mais aflita. Larguei as companhias mesmo dos homens a quem amava, do concurso mesmo deles por não ser capaz de sofrê-lo, às vezes mesmo dos mais familiares e domésticos[;] basta-me em certos tempos encerrar mesmo como uma criança para cair neste ingrato sintoma. Assim aqueles enfermos deste mal evitam a familiaridade e os consolos públicos, sempre temem, sempre se acanham diante dos homens e são incapazes de exercitar cargos públicos e mesmo ofícios honestos.

Caem neste sintoma logo que atentamente querem ouvir a relação de al[guma] história ou conto da sua vida. Por essa razão deixei a prática da Medicina. Logo que um enfermo me começava a relatar a história da sua enfermidade, logo caía e caiu nos sintomas referidos de tal modo que fico incapaz de perceber nem formar juízo do que queria saber.

A causa desta terrível e mortificante queixa consiste na debilidade dos nervos ou do ânimo. Os homens fortes e destemidos não conhecem esta queixa. Nenhum cego, nenhum que tem a vista curta não se observou até agora que sofresse esta queixa. Esta é a razão que só se observa naqueles hipocondríacos que chamam *sine materia* aonde o (que) homem interno

de Sydenham, que é o sistema dos nervos, está débil e fraco.

Poucos A.A. escreveram de propósito desta queixa e de sua cura. O que Plutarco escreveu dela no seu tratado *de vitioso pudore* se reduz para governar a vida civil. Quem escreveu mais ao nosso propósito foi um nosso compatriota, e doutamente, considerando o século em que viveu, foi Antonius Ludovicus *De oculibus proprietatibus* em Lisboa, 1540. No fim da obra se acha um tratado intitulado *De pudore*. Doutíssimo homem na literatura médica grega e latina: havia naqueles tempos muitos semelhantes em Portugal e não sei a causa porque se perderam nele os ditos conhecimentos sem embargo que depois daquele tempo se erigiu a Universidade de Coimbra actual e tantos Colégios em todo o Reino.

Já disse que este sintoma da vergonha que melhor soa *vercundia* é especial a hipocondria. Um A. inglês, médico chamado Fleming, hipocondríaco, também castigado com este sintoma, compôs um poema à imitação de Lucrécio intitulado *Neuropatia* onde tratou desta enfermidade com toda a elegância e doutrina. Começa o Livro Segundo lamentando o estado dos hipocondríacos dominados desta queixa por estes expressivos versos:

*O fortunatos nimium sua si bona norint
Queis cerebrum et nervi nativo robore pollent
Non illi vitæ detrectant numera honesta
Nec loetus hominum coetus, turbasque celebres
Suspecti sibi devitant, fugiunt ve paventes
Quippe pudor morbum sequitur &.^a*

Esta paixão do pejo ou da vergonha em todos os homens produziu estupendos efeitos e mesmo a morte. Plínio *lib. 7* refere que Diodoro morreu de vergonha por ter sido convencido por Stilpo não podendo responder a um argumento. Vimos acima que as donzelas da cidade de Mileto se mataram a si mesmas; o remédio que acharam para curá-las daquela doudice fatal foi expô-las nuas depois de se matarem e esta paixão da vergonha pôde tanto no seu ânimo que depois daquele decreto nenhuma mais se matou, o que se poderá ler em Plutarco no mesmo lugar citado acima. Os rapazes da Lacedemónia sofriam [ao] ser açoutados até à morte sem darem um suspiro somente por não sofrerem a desonra de fracos. Não é extraordinário nem tem sucedido raras vezes que uma donzela que não pode sofrer a picadela de uma abelha sem cair em desmaios, pode parir e pare em casa dos seus pais sem dar o menor gemido; a vergonha de ser descoberta a perda da sua reputação deu um valor vironil naquele caso: mas o que ultrapassa a imaginação nesta paixão é o que me contou o meu íntimo amigo o Doutor Amman, A. do livro *Plantæ*

Siberica, in 4º. Assistiu ele no Hospital de Londres em um dia, quando se curavam nove rapazes para lhe tirarem a pedra da bexiga. Nesta cruel operação os primeiros dois rapazes gritaram como é crível. Começou o cirurgião a animar os mais e a dizer-lhes que não mostrassem [que] eram meninos, que dessem sinais à companhia que tinham ânimo varonil. Um deles diz com tom de voz e ânimo intrépido[;] pois eu não hei-de gritar. E na verdade, e que admirava de horror agradável toda a companhia, sofreu a terrível operação sem dar o mínimo gemido. Não tinha mais que nove, até onze anos. Toda a companhia se [co]moveu tanto desta acção prodigiosa de valor que cada um fez um presente de dinheiro a esta alma intrépida. Este é o efeito da vergonha o mais marcável que até agora pude alcançar: quem viu fazer aquela operação ficará atónito deste sucesso.

Todos os remédios são quase inúteis nesta queixa [;] os mais fáceis e às vezes apropriados são, que logo que começam estes enfermos a sentir aquela opressão, que escarrem e que tussam. Deste modo, saindo o ar do bofe, acelera-se a circulação e não se enche o cérebro de sangue o que turba o pensamento. Mas são tão desgraçados estes enfermos que logo (que) perdem a memória e não se lembram deste remédio. A natureza é mais provada. Vemos o menino que mal sabe de memória a sua lição, o pregador em quem va(s)cila a memória, o sacerdote que recita em público os mistérios sagrados que sem querer tosem e escarram.

Irar-se também é remédio desta queixa [;] por essa razão facilmente se agastam estes, falam alto sempre com tom áspero e não se apercebem; a Natureza procura por aquela voz alta, áspera e contenciosa, promover a circulação do bofe, mas logo que se cala, logo que atentamente quer ouvir o que lhe diz ou que lhe conta o mesmo caro amigo e doméstico fiel, cai naquele lastimoso, e agoniador sintoma. Relatei a VM o que soffro há tantos anos sem esperança de remédio.

É bem comum em Portugal a paixão dos zelos e não necessitava expô-la diante de VM se não quisesse mostrar que é uma enfermidade e que depende da brandura e da fraqueza do ânimo, e que necessita uma cura como todas as mais paixões que dependem da fraqueza e lassidão do sistema nervoso. Nesta paixão há dous tempos aonde os efeitos são diferentes: o 1º é quando o amante vê que o objecto amado é possuído por outro e que ele fica destruído. Esta paixão pode causar a morte e todos os males do cérebro. Referem as *Histórias de Espanha* que a mãe de Carlos V vendo seu marido, Filipe I, dar sinais não equívocos do seu amor a uma dama da sua corte na presença daquela Rainha que ficou tão sentida e tão

atónita que perdera o juízo por toda a vida, de que lhe ficou o nome Joana, la Loca. Não me lembro que lesse esta paixão tão bem pintada que em Horácio, *Lib.1, od.13* quando ele via a preferência que Lídia dava à beleza de Telepho

*Cum tu, Lidia, Telephi
Cervicem roseam, lactea Telephi
Laudas brachia; vae meum
Fervens difficile bile tumet jecur
Tune nec mens mihi, nec color
Certa sede manet: humor et ingenas
Furtim labitur arguens
Quam lentis penitus maceret ignibus*

Vêde VM os efeitos desta paixão que não é no grau mais violento nesta descrição. Como fica todo o peito e o coração tomado, como o juízo fica confuso, como as cores do rosto vão, e vêm sinais dos vários e desordenados movimentos do coração, vê brotar em lágrimas esta paixão que servem de alívio a tantos males quando são acompanhadas com choros, suspiros e lamentos. Busca a natureza nestes movimentos a circulação acelerada no bofe o que serve de remédio. Juvenal admira (*Sal.10, v.131*) a providência da benigna natureza dando-nos as lágrimas para compensar-nos [d]os infelicitios.

*Molissima corda
Humanum generi dare se natura fatetur
Quae lacrimas dedit: haec nostri pars optima sensus
Plorare ergo jubet causam lugentis amici
Squallorem rei pupillum &^a*

Mas as paixões violentas de zelos, tenor, tristeza, como já dissemos que deprimem, e destroem o sensorio comum, causam maiores males[;] quando ficam forças bastantes para vencer o mal que fez a paixão então se seguem as lágrimas, os suspiros, e os lamentos, e fazem o ofício que faz a febre.

A paixão de zelos acompanhada com suspeitas, com desonra, com vergonha, não só é capaz de fazer cair melancólico e atrabiliário, mas ainda maníaco. A origem sempre é fraqueza e enfermidade do ânimo. Se reduz àquela queixa chamada por Hipócrates *cura sui sollicitudo* como vimos acima e os efeitos que faz e que ali copiei.

A esta classe pertence também aquela paixão que chamaram muitos superstição e nós comumente falsa devoção. Esta inquietação do ânimo, esta desesperação da salvação pode causar todos os males do cérebro depois da vertigem, que é o mais livre dos seus sintomas, até à apoplexia completa. Ordinariamente nos climas meridionais a [paixão] produz a atrabilis. Dela diremos os efeitos e se pode ver da superstição

causada por ela [em] Aræteus Capadox, *de causis et signis diuturnorum, Lib.1, cap.6, pág.33, edit. Boerhaave.*

Tenho tratado da primeira divisão das paixões da alma que são aquelas que relaxam e enfraquecem o sistema nervoso e que o seu movimento é da circunferência para o centro. Estas paixões são ordinariamente contrárias à nossa conservação. São a origem das mortes aceleradas. São ordinariamente a porta mais patente e mais frequentada pela qual saem deste mundo os homens em sociedade. Leia-se nesta matéria *Nueva Philosophia de L'hombre* por D. Oliva Sabuco, 2dªEdit. 1728, 4º, Madrid e Octavius Branciforti, *de animorum perturbationibus*, Cataneæ, 1632, 4º.

Vai esta carta cada vez sendo mais extensa porque a matéria incita a dilatar-me nela pela utilidade que considero ou pela raridade dos A.A. que a trataram na intenção de servir a cura das enfermidades. Poderá ser que VM me acuse de que trato uma matéria tratada por muitos e que sou mais o colector do que está escrito que de declarar o que nela se não conhece.

Mui persuadido estou que VM é inteirado da Literatura que cito, e citarei. Mas, contanto que desta os médicos possam usar dela com utilidade nos seus enfermos, darei o meu trabalho por bem empregado e não me envergonharei [de] com Ovídio *Metamorph. Lib. 10, fab.8*, dizer:

*ut hymettia sole
ceraremollescit, tractata que pellice multos
certitud in facies, ipso que fit utilis uso*

Agora trataremos das paixões da alma que servem para a nossa conservação quando são moderadas. Elas conservam a vida. São a alma da Sociedade e da perpetuidade do género humano[;] além disso servem de remédio às paixões da *queixa* que tratamos acima.

Estas são o contentamento, a alegria, a amizade, a escandecência e a esperança.

Sanctorius, sect. 7, nos seus Aphorismos observou que fazem o corpo ligeiro e desembaraçado, que a respiração insensível se aumenta, que o pulso e a perspiração são regulares, que dormem [e] digerem perfeitamente, que o trabalhador não sinta cansaço, que o caminhante sem moléstia continua o seu caminho e mais expressivamente o nosso Camões:

*Canta o preso docemente
Os duros grilhões tocando
Canta o segador contente
e o trabalhador cantando
o trabalho menos sente*

Nestas moderadas paixões o corpo sente um não sei quê que somente se pode explicar pelo sentimento e o ânimo, um bem como em névoa que goza sem o distinguir perfeitamente. Quem for de tão feliz constituição que puder conservar a alegria do ânimo terá alívio e ainda remédio de muitos males. Pechelinus (*Lib.2, obs.27, pag.463*) viu artríticos que não sentiram as dores daquela queixa com a alegria que tinham pela conversação agradável, pela música, e pela companhia de pessoas que amavam. Todos sabem o que se diz de Afonso, rei de Nápoles, que a leitura de Quinto Cúrcio, de que gostava sumamente, o curara de uma febre lenta e o mesmo se diz daqueles dous doutíssimos homens Nicolau Peyrèse e Coríngio. Ali refere este autor que um gotoso recebendo a nova [de] ser eleito a um ilustre cargo se curara logo, e que um velho sexagenário que desejava sumamente sucessão, parindo-lhe a mulher um filho, ficara tão contente que se curara logo de uma terçã [de] que padecia.

Vejamos cortado da pedra a um menino ou mesmo um adulto (como vi) e tanto que tem a pedra entre os dedos já não sente aquelas atrozes dores que deve ainda sentir estando laceradas e ensanguentadas as partes por onde saiu[;] tanto se consola de ver a causa dos seus males acabada que o ânimo, naquela contemplação, não adverte na causa da dor existente. As venturosas mães que pariram felizmente, tanto que vêem a criança viva, que a tocam ou beijam, já não sentem as dores e o tormento que deviam sentir. Aquelas que parem filhos curam-se mais facilmente ainda que lhe sobreven[ham] febres do que aquelas que parem filhas. A alegria que lhes causam estes venturosos sucessos fortificam as forças, os nervos adquirem elasticidade e a circulação continua regular.

É um grande segredo na mão do médico prático ter a alegria em seu poder para usar dela na maior parte da sua prática, conserve e aumente a sua reputação para que o enfermo tenha nele a mais firme esperança[;] far-se-á agradável com decoro porque com a conversação agradável[vel] e um não sei quê no modo de expressão e do gesto muitas queixas tiram daqui o maior vigor dos remédios que ordenar. Fora ingrato se neste lugar calasse este dom de que foi dotado o meu amado Mestre D^{or} Bernardo Pinho, médico da cidade da Guarda. Fui seu praticante e observei que naquele mês que entrava a curar [n]o Hospital da Misericórdia da mesma cidade que sempre saíam dele a maior parte curados que no outro mês no qual curava outro médico, ainda que douto, mas de um natural a fazer-se aborrecer. Lembro-me que entrando meu mestre na enfermaria cada doente levantava a cabeça para o ver. Em todos se via a alegria pintada

na cara, até os que desesperavam dos seus males ficavam consolados porque a graça, com decência, o saber da judiciosa conversação, a cordialidade com que mostrava magoar-se nas dores difíceis, animava aqueles ânimos ainda que abatidos.

Sabemos por experiência que há mulheres tão fáceis em entrar em aversão pela presença de quem lhes não agrada que não podem parir ainda que estejam no estado mais próximo àquele estado. Em outras muitas doenças se notam estas aversões e também amizades que todo o médico prático deve considerar na cura dos seus enfermos e tenha por máxima assentada que o primeiro ponto para ser feliz consiste em agradar.

Mas estas mesmas paixões que servem da conservação da vida como o movimento as águas e, como o ar livre a continuação da flama, quando chegam a existir(em) em grau intenso, quando arrebatam a si todo o ânimo, produzem efeitos contrários. São então causa de perder a vida e de produzir todos os males das três faculdades do nosso corpo. Estas se chamam *latitia subita, amor insanus, ira ferocia, rabies indignatio, desiderium*, que nós chamamos alegria, amor, ira ou cólera, indignação e saudades.

Estas definiu Cícero nas suas *questões tusculanas (lib.3)* que são como terremotos do ânimo destituído da razão pensando que goza do bem que deseja.

Vejamos agora os seus efeitos no corpo humano. Sanctório nos citados *Aphorismos* obervou que a alegria demasiada, principalmente não atendida, dissipa os espíritos vitais, faz parar a circulação, relaxar todos os nervos até à total paralisia[;] que a alegria mais moderada mas não atendida, como é aquela dos jogadores [a]fortunados que faz perder o sono, que dissipa(m) os espíritos vitais e consome(m); pelo que pode esta paixão continuada causar a atrabílis. Poucos são os jogadores por ofício que não sejam melancólicos e a paixão do jogo é uma doença do ânimo que tem a sua origem no humor atrabíliário.

Se lançarmos os olhos nas Histórias tanto antigas como modernas acharemos muitos que morreram de alegria não esperada. Chilon de Sparta vendo seu filho coroado nos Jogos Olímpicos, abraçando-o caiu morto (*Plínio, Lib.7, Cap.32*). Nos mesmos jogos expirou de repente Sófocles ouvindo-se aclamar vitorioso. O mesmo Plínio o relata no mesmo lugar, *Cap.53*, e outros muitos que se podem ver em Marcello Donato tantas vezes citado, *Lib.3, Cap.13*.

No tempo de Luís XIV, Monsieur Fouquet, vedor principal de fazenda, havendo estado preso por muitos anos sem esperança de ver-se livre recebe por último a graça da liberdade e no instante que lha notificam deu logo o último suspiro.

Aqui tem VM tudo tão coerente com o que tantas vezes dissemos[:] que as paixões das almas violentas são semelhantes ao veneno activíssimo da peste; se chegam a consumir e destruir aquele princípio sensiente e movente (que) fazem acabar a vida em um instante; se a alegria não for tão intensa produz males menores que se mostram por febres diárias, insónias, relaxação dos sólidos.

Observou o D.^{or} Mead (*Monita Medica Londini*, 8^o) que a maior parte dos maníacos que se achavam no Hospital dos Doudos em Londres, pelos anos de 1721 a 1722, que foram a causa [da doença] as grandes e imensas riquezas a que chegaram muitos cidadãos não esperadas nem atendidas. Muitos as conservaram e não deixaram de cair(em) maníacos[:] outros as perderam, e de tristeza caíram no mesmo estado. Já observaram os políticos que todos os monarcas felicíssimos em ganhar vitórias que por último caíam melancólicos. De Carlos V admiram muitos, é certo, que a repetida alegria não atendida faz dissipar o mais subtil do nosso corpo[:] fica o sangue destituído dos seus licores, vem térreo e deste se forma a atrabílis. Não fomos formados para sofrer excessos ainda que sejam de contentamento.

A paixão de amor é um desejo de se unir com a beleza apresentada por tal. Aquela ideia do objecto amado se lhes apresenta tão fixa que não ficam forças ao pensamento para pensar em outra, estão dominados por aquela representação. Esquecem-[se] do passado, nenhuma providência do futuro. Estão fora de si, deliram neste objecto, sinal da fraqueza do ânimo enervado pelo ócio. Tem esta paixão a origem neste vício e já vimos acima que *desideria* era a paixão do modo que teme o trabalho. Perguntando Teofrasto que causa era o Amor respondeu, como se lê em Stobeo (*Sermon* 62) que era uma doença da alma ociosa. O que já conheceu Ovídio:

Otia sitollas periere cupidinis arcus.

Difere o amor da amizade. Esta é aquele amor que temos para nos unir com a utilidade que redundava da virtude. Aquele (o) amor que temos para nos unir com o objecto amado representado por este tem por objecto a representação natural da causa amada, e a amizade a representação das potências da alma ordenada.

Os efeitos do amor desordenado no corpo humano são vigias, cara descorada, os olhos encovados e quebrados. Sentem como na tristeza aquele desagradável peso na boca do estômago, o pulso, enquanto estão naquele cego enleio do que desejam, é lânguido, na presença do mesmo objecto acelerado, desigual, e por estas diferenças conheceram os médicos depois de Erastrato o pulso dos amantes. Nesta sucessão

de paixões se consomem os espíritos vitais, se pervertem as digestões, se enfraquecem a memória e o raciocínio, vêm maníacos, fátuos, ordinariamente melancólicos. Ninguém pintou este estado melhor, a meu gosto, do que Camões, mas como é conhecido de todo o mundo, citarei os poetas latinos ou por serem mais concisos nesta matéria ou por não ser a língua tão vulgar.

Pinta Virgílio a Dido amorosa de Eneias dominada da paixão de tal modo que não vê nem ouve outra causa, parece toda transformada no objecto que ama.

...est mollis flamma medullas

Interea, et tacitum vivit sub pectore vulnus

Uritur infelix Dido... ...

*Solo domo moeret, vacua, stractis que relictis
incubat, illum absens absentem auditque, videtque*

Perde-se nesse estado o ofício dos sentidos e até a fala se embarça mais; este estado somente no epigrama de Catulo(49 *ad Lesbiam* que é a tradução daquela admirável ode de Safo, se acha admiravelmente descrito:

Dulce ridentem, misero quod omnes

Eripit sensis mihi: nam simul te

Lesbia, aspexi nihil est super mi

Lingua sed torpet; tenuis sub artus

Flamma dimanat; sonitu suo

Tintinant aures: gemina teguntur lumina nocte

Neste estado muitos se deram a morte como refere Amatus Lusitanus (*Cent.3, Curat.56 et Cent.5, Curat.84*) os que vivem são devorados de zelos, de suspeitas, e nesse tempo diz Lucrécio (Lib.IV, vers.1117)

Labitur interea res et vadimonia fiunt

Laguent officia atque ægrotat fama vacillans

Transforma esta paixão tanto estes desgraçados dotados do melhor natural ordinariamente que parecem diferentes de si mesmos, e na verdade que o são, admirando-se todos com aquele Parménio de Terêncio.

Dii boni, quid hoc morbi est adeo homi-

nes immutarier

ex amore ut non cognoscas eundem esse

hoc nemo fuit

Minus ineptus, magis severus quisquam

nec magis continens

Produz todas as enfermidades do cérebro, causa a morte como o mais violento veneno. Relatarei algumas histórias menos conhecidas para que os médicos tenham matéria tanto para conhecê-la como para [a]conselhar a evitá-la.

Refere Nicolau Túlpio (*Lib. 1, Cap.22*) que um moço inglês enamorado de uma bela recusando-lhe para casar caíra cataléptico ficando imóvel como uma estátua.

Marcello Donato (*Lib.3, Cap.13*) [refere] que um carniceiro casado proibindo-lhe o Bispo de continuar na mancebia em que vivia que se atrevera tornar a ver a sua amiga[;] esta recusando recebê-lo ou por medo da lei ou por ingratidão, caíra em tão lastimosos lamentos acusando-a de perfídia e de ingrata com tanto furor, e com tanta desesperação ajuntando as mãos, que naquele instante cai morto.

Nas *Ephemerides de Alemanha ou Miscelania Curiosa, Decurs.3, anno 9 e 10, pag. 293*, se lê que um soldado enamorado de uma moça tinha ajustado com ela de o ir ver em uma noite. Como lhe tardasse, levanta-se, procura encontrá-la, conseguiu achá-la e no maior furor dos amorosos abraços, dando um lastimoso grito, expira neles. Abre-se o cadáver, achasse o coração suando sangue e muito coalhado entre o coração e o pericárdio.

Bonsinius na sua *História da Hungria (Lib.3, Decad.3)* relata que o Conde Euryalo enamorando-se em Sena de uma donzela, chamada a Vénus por excelência daquela cidade, fora também correspondido que adquirira o objecto da sua pretensão e que sendo obrigado a ausentar-se, na despedida acabou subitamente a donzela, ficando por toda a vida o Conde tão melancólico que pelo resto da sua vida jamais o viram rir.

Eu abri o cadáver de uma donzela que se tinha afogado por haver sido recusado a casar com ela o seu amante. Com atenção e curiosidade indaguei todo o cadáver e não achei mais que [no] ovário direito algumas gretas como se fossem feitas apertando aquela parte com a mão[;] estavam ainda sanguinolentas e a túnica exterior do ovário sensivelmente separada do corpo dele.

As constituições delicadas nos climas austrais caíem em febres lentas, tísicas, em enfermidades atrabiliárias, cirros e cânceres, tanto ocultos do útero e ovários como dos peitos.

Fora copiar muitos lugares, tanto da história médica como profana, se quisesse mostrar por observações que esta paixão pode causar todos os males dos sistema[s] dos nervos e das artérias. É certo que tem o seu assento naquele langor e brandura do ânimo naqueles naturais mais maviosos e nos engenhos mais delicados. É observação de Baco Verulamius (*Sermon fidelis, Cap.10, de amore*) que aqueles célebres capitães da antiguidade, e mesmo dos nossos tempos, jamais foram tocados do furor desta paixão.

Para persuadir-se qualquer da desordem do juízo nesta paixão leia-se Marcello Donato no lugar já ci-

tado acima[;] ali se verá que houve homens que amaram estátuas, árvores, vários animais e todos sabem os amores de Anacreonte.

Mas o que parece cousa incrível é que um cego caiu nesta paixão por se lhe recusar o objecto que amava, que caiu maníaco[;] e não o crera se Lanzoni, médico italiano de tantas e verídicas observações o não comunicasse na *Miscellanea Curiosa (Deccen.3, anno 9 e 10, pag.32)*.

A cura desta paixão merece uma atenção particular [;] sendo tão comum e até agora tão pouco conhecida que deve entrar na consideração do médico prático. Este considerará o degrau da paixão e o estado do enfermo, a desordem já feita no ânimo e o quanto estão já alterados os humores do corpo [assim] como os seus sólidos.

Logo no princípio, enquanto a paixão não causa insónias, ânsias, nem se sente aquele peso na boca do estômago, o melhor remédio é [a] ausência, fazer jornadas, viagens por mar[;] nesta mudança de ar e variedade de objectos e principalmente se enjoarem, alimpa-se o estômago, adquire maior elasticidade o diafragma e todas as vísceras[;] muda-se aquela ideia amorosa do sensório comum. Quem não tiver possibilidade para usar deste meio tome o conselho de Baco de Verulâmio em todas as perturbações do ânimo. Diz este Aristóteles dos seus tempos que devemos conservar pela vida pacata e ânimo tranquilo o contentamento que tivermos, mas que devemos fazer o contrário quando a tristeza, o cuidado ou qualquer outra paixão da alma violenta nos faz viver ansioso[s] e possivelmente devemos exercitar-nos, ocupar-nos em trabalho corporal, mesmo por outras paixões moderadas mudar as ideias ingratas e fortificar o corpo por toda a sorte de movimentos.

Mas não bastam estes remédios quando já o amante estiver melancólico ou dominado por uma febre lenta ou humor atrabil[i]ário[;] é necessário então curar o corpo porque existindo estes humores melancólicos já acres e podres incitam as ideias mais tenazes do amor, das suspeitas, zelos e desesperação. Neste caso aconselham todos, com Helmontis, mergulhar na água fria subitamente estes frenéticos amorosos mas com pouco efeito por último. É verdade que mergulhando-se o terror da morte com os açoutes fará mudar aquela ideia amorosa, ficará curado o sensório comum mas de nenhuma sorte o corpo[;] fica nele ainda a atrabilis e ela produzirá os mesmos efeitos.

Cura-se também o ânimo excitando paixões contrárias àquela dominante. Quem pudesse inculcar o ódio do objecto amado, e conservar por mil modos esta ideia e fortificá-la, extinguiria aquela do amor contanto que se curassem os efeitos morbosos pro-

duzidos por ele. O mudar de clima, o comer frutos do Estio com regra e debaixo da direcção de um prudente e douto médico, seria a cura naqueles que não podem fazer longas viagens nem jornadas dilatadas.

Pertence a esta classe tratar da ira. As suas espécies são várias. Incluímos a escandecência ou o que chamamos *agastar-se* na classe acima das paixões moderadas que servem para conservarmos a saúde perfeita. Estes primeiros movimentos da ira é um desejo de evitar a ideia do mal presente que concebemos. A natureza deu este movimento em muitas queixas como remédio; todos os supurados do bofe, os hidrópicos, os melancólicos e os caquéticos se agastam facilmente. Estes primeiros movimentos servem para aumentar a circulação do sangue[;] I adquirindo o coração mais forças, fazem-se as secreções da cólera, da urina e da transpiração. Os efeitos desta paixão, sendo moderada, sem desejo de vingança, fazem os mesmos eleitos no corpo que faz a alegria e a consolação do ânimo, as quais referimos acima. Não deve o médico reprimir, nem pelos princípios médicos nem dos teólogos. estes movimentos involuntários da cólera nas enfermidades referidas, deve antes prevenir os assistentes que servem de remédio naquelas doenças. Como a companhia de um íntimo amigo faz abrir o coração, como dizemos, e des[en]rugar o rosto, assim o agastar-se ou meter-se em cólera inadvertidamente produz os mesmos efeitos no corpo.

A ira é um sumo desejo de castigar a quem ofendeu. O ódio é uma ira antiga, a inimizade e desejo de vingar-se observando a ocasião, e é discórdia um rancor procedido de aversão e antigo des.^o de vingar-se. Os efeitos desta paixão, se forem justos, com esperança certa de vingar-se, não é mortal, a consolação que recebe o ânimo de alcançar o que desejou recompensa muita parte do dano que causou aquele tumulto no ânimo e no corpo.

A ira junta com a desesperação de vingar-se, aquele que fica dentro do peito, que os Latinos chamam *ira memores* causarão a morte ou fluxos de sangue, aneurismas, pólipos do coração e das artérias maiores, lebres ardentes, cálculos na bexiga do fel, vômitos e diarreias de cólera.

Os efeitos desta paixão são diametralmente opostos àqueles do medo, nestes todos os nervos se encurtam e todas as partes sólidas por último vêm a perder a elasticidadc. Com a paixão da ira aquela ideia representada vivissimamente no sensório comum arrebatada a si todas as faculdades tanto espirituais como as do corpo. Todas obedecem à tirania daquela potência que adquiriu as forças juntas de todo o corpo sensiente e movente e naquela acção se combinam todas as potências delas. Mostra-se pela cara incendiada,

pelos olhos vibrando fogo, pela voz rouca e entoada, pelos tremores dos beiços, pelo morder das mãos e bater com elas, e com os pés. O pulso é forte, ve-loz, cheio, a boca seca e virada, todas as secreções se detêm e todo o corpo se conhece alterado, e enfermo.

Neste estado muitos acabaram a vida. Valentiano I deitando em rosto a ingratidão aos deputados da Boémia, tanto se transportou de cólera que emudeceu e logo caiu morto. Venceslau, rei da Boémia, tirando de um punhal para matar um traidor, detido pelos seus por não manchar a Majestade, nos seus braços caiu apoplético no qual acidente acabou a vida, o que refere Marcello Donato *ubi supra*. Do mesmo modo acabou o imperador Nerva por se haver irado contra um régulo. Tais clamores, tais agitações lhe incitou esta paixão que logo caiu em profundísimos suores, logo depois em horripilações nas quais acabou a vida, como se lê em Aurelius Victor (*in Epitome*).

Causa palpitações mortais que Zacuto Lusitano (*Prax. admir. obs.147*) (como) observou em uma mulher sumamente irada. Também causa dificuldade mortal de respirar como refere Platerus, *obs.Lib.1, pag.48*.

Causa hemorragias mortais, e aquelas sem remédio, são as que sucedem nas mulheres pejadadas. Na *Miscelânea Curiosa, decc.3 anno 9*, ele diz que uma mulher pejada, por se haver irado com excesso, caíra em um fluxo de sangue sem remédio.

Hieronimus Welchius, citado por Schelamerus, *de animi affectibus*, pag.179, [conta] que um homem, por se haver transportado na ira mais atroz, caíra de repente morto[;] acha-se o pericárdio todo cheio de sangue por haver roto a artéria aorta.

Uma mulher colérica tanto sentia os *ameaços*, tanto se encolerizava com eles que logo lhe corria o sangue pelos bicos dos peitos. Stalpart Wander-Wiel, *tom. 1, obs.79*.

Esta paixão fez mudo por alguns dias curando-se aquela paralisia por um vomitório. *Misc. Curiosa (dec.3, anno 4, obs.103)* aonde se poderá ver que esta paixão na sua violência causa febres efêmeras, biliosas, diarreias, ictercias.

A ira suprimida não mata subitamente mas como veneno lento faz terminar a vida. Refere Guilherme Harveo, *Exercitation 2^a. de motu cordis, p.149, edit. in 4^o* que conhecera um homem de bem [a] padecer por alguns anos todos os sintomas de uma violenta asma da qual fora a causa uma afronta feita por um poderoso. Sofreu por muitos anos: morreu [e] achase o coração tão dilatado que parecia de boi e a artéria aorta e as jugulares dilatadas excessivamente e quase cheias de sangue coalhado.

O presentâneo remédio contra a ira é o medo. Enfureça-se o mais destemido, agite-[se] mais que um frenético, saia-lhe o fogo dos olhos, ameace com o punho fechado, arranque do interno do peito a maior medonha voz e ao mesmo tempo apareça outro semelhante com a espada nua arrimada ao peito e que com voz rouca o atordoe. Logo aquele colérico mudará de cor inflamada no rosto, empalidece, de voz sonora em submissa, o pulso será já pequeno e intermitente e ficou curada esta paixão em um instante pelo medo que é a sua contrária.

Bem conheceram os legisladores estes remédios contra os ladrões de estrada e malfeitores, Não ordenaram leis para persuadir a virtude, decretaram castigos e a perda de vida [para] não só cumprirem a lei de Talião, mas que a sua vergonhosa morte causasse medo aos mais cidadãos. Por isso dizia o grande Boerhaave que um algoz fazia os homens mais virtuosos que cem pregadores. As insígnias de maior crédito e autoridade que conheceram os Romanos consistiam no medo. Eram feixes de varas para castigar os leves crimes acompanhados de machados para executar o último suplício.

Aqueles que por constituição particular são coléricos devem usar de dieta vegetal, dormirem o mais que puderem, evitar exercícios violentos, diminuir a atenção dos sólidos por banhos de vapor e dormir em cama mole.

Tenha cuidado o médico de jamais purgar com lenientes nem dar vomitórios àqueles que suaram com vômitos, cursos de cólera ou do fel, depois de sofrerem esta paixão. Neste estado todo o corpo está convulso, os nervos tenríssimos, e irritá-lo seria acelerar-lhe a morte que se seguiria às convulsões das vísceras e do diafragma com dores horrendíssimas destas partes. Neste caso o ópio desfeito em vinagre, emulsões [de] soro de leite seria o remédio. Melhor que tudo banhos de vapor. Veja-se Theodorico Hoffman, *tom.1, pag.190. Edit. Geneve.*

Ainda que o enfurecer-se e agastar-se com desejo de vingar-se seja prejudicial à nossa saúde, esta paixão incitada por um prudente médico poderá curar muitas enfermidades que tocam a natureza da paralisia e fatuidade.

Conheceu Hipócrates servir de remédio a vários males a cólera naqueles que abundam de humores pituitosos. Nas *Epidemias, Lib.2, §4, pag. 705*. Também no tratado *das fístulas, tom.2, pag. 685, Edit, Vanderlinden*, manda irritar os narizes até espirrar e incitar a ira na relaxação do intestino recto. Na *Miscellanea Curiosa, decurs. 2, anno 5, pag.23, obs.34*, se refere que um velho paralítico de um braço fora vexado de seus filhos de propósito a tal extremo que

o velho enfurecera de raiva e que se achara restituído da paralisia com que estava.

Ouvi dizer a Boerhaave que um médico árabe sendo mandado para curar a mulher de um califa, detida da paralisia de um braço, pedira perdão ao marido para cometer à enferma um desacato. Impetrou a licença, chega perto da enferma e, quando ela jamais cuidava, levanta-lhe a saia de repente. Enfureceu-se a enferma e ficou curada.

São comuns na História Médica as observações em que nos aprendem que as intermitentes, quartãs, gota e artrites acompanhadas de humores pituitosos foram curadas por acaso por esta furiosa paixão.

Sucedem muitas vezes caírem os hipocondríacos naquele estado de indiferença sem desejos nem aversão naquela total indiferença e jamais quererem ou não quererem. Naquele estado parece que os espíritos animais não continuam o seu curso até [a]o diafragma, ponteiro, por dizer assim, que mostra o gosto ou o desgosto que percebeu a imaginação. Estado o mais miserável da vida porque os que chegam a cair se dão a si a morte[:] contemplam, falam com toda a prudência, não se lhes conhece erro nem incoerência no discurso mas falta-lhes aquele querer ou não querer. Duvidaram muitos do Plínio naquele celebrado dito: *Est aliquis morbus per sapientiam mori, (Lib.7, cap.50)*. O certo é que em Inglaterra esta enfermidade é comum e que até agora não se lhe tem achado remédio.

Parece que se neste estado se incitasse a paixão da ira injuriando ou afrontando aqueles em que se observassem os sintomas, assim que poderia determinar aqueles espíritos tórpidos para circularem.

Do mesmo modo parece que seria útil usar desta paixão naqueles fátuos e mentecaptos que caíram naquela consumição do sensorio comum depois do amor insano, das manias. Vi mulheres depois do parto virem fátuas por se haverem evacuado demasiadamente por sangrias e purgas, e remédios refrescantes como o hetro.

Sentirei por extremo que não pudesse enunciar-me com tanta clareza e graça quanta requer a matéria que venho de tratar. [As]seguro a VM que é o trabalho e meditação de muitos anos e que não li A. até agora tratasse esta matéria tão plenamente como tratei; não digo doutamente nem com a ordem e elegância que merecem as paixões. Mas se VM puder do referido tirar alguma utilidade para o bem público dou por bem empregado todo o tempo que nele trabalhei e meditei.

Viu VM a origem das paixões da alma, o seu aserto e os efeitos vários que produzem no corpo humano; viu também como uma paixão pode servir de remédio a outra e como podem muitas, ordenadas e

incitadas com prudência e arte, curar muitas enfermidades. Tratei daquele princípio sensiente e movente de todo o corpo e quão grande eficácia tem para alterá-lo até o fazer perecer. Como, pelo contrário, quanto pode a alegria e a esperança para prolongar a vida.

Falta-me agora tratar daquelas disposições corporais ou hereditárias ou adquiridas que induzem a gerar as paixões da alma. Se até agora foi incompreensível como a alma racional sendo espiritual pode mover um corpo, agora tocaremos outra dificuldade não menos insuperável. É esta[:] que as disposições do corpo possam afectar a mesma alma. Confessando a minha ignorância deixo esta matéria a quem não tem necessidade de pensar no útil que vou escrever.

Já vimos acima que a mãe pode comunicar à sua prole as impressões das paixões da alma que padeceu no tempo da prenhez. Felipe Salmuth (*obs.38, pag.75*) refere que uma mulher prenhe caíra em tal paixão de furtar sem necessidade que se não podia conter dela. Era pessoa de bons costumes e fora daquele estado nunca fora perseguida daquele estímulo[:] pare uma filha tão inclinada a furtar que foi preciso fechá-la.

Em Marcelllo Donato (*Lib.6, Cap. 1*) [lê-se] que a filha de um antropófago escocês depois da idade de um ano [foi] criada entre os escoceses civis. Como chegasse à idade de onze anos matou uma criança para comer-lhe a carne com[o] os seus pais se alimentaram.

É tão desregrada e tão insolente a imaginação das mulheres prenhes que muitas chegaram a matar seus maridos para satisfazerem o danado apetite de carne humana. Quem quiser ver a história destas leia Schenklius, *Obs.Méd. Lib.6, pag.566*.

Além das particulares disposições do cérebro com que nascem muitos, é certo que a cada temperamento inclina as faculdades da alma a amarem ou aborrecerem certos objectos com maior eficácia. O clima onde nascemos, os ventos que reinam neles e a exposição ao Norte ou ao Meio Dia faz efeitos tão remarcáveis nos ânimos daqueles habitantes, o que se pode ver em Hipócrates naquele livro onde trata do ar, das águas e das situações de cada terra.

Também a dieta e familiaridade daqueles com que vivemos podem mudar tanto o nosso temperamento, e por consequência as nossas inclinações, que pelo discurso do tempo vimos diferentes de nós mesmos. Galeno se atrevia pela dieta apropriada a cada temperamento, pela mudança de clima, mudar totalmente as inclinações mudando primeiro o corpo. Diz ele, [em] *quod animi mores corporis temperamento sequantur (Cap.9)*:

Illi ergo qui admitere gravantur, alimen-

tis effici posse aliquos temperatores, aliquos magis dissolutos, aliquos incontinentiores, aliquos modestiores, alios audaces, quosdam meticulosos maxicetos et comes, contentionum, ac rixarum amantes, nunc soltem resipiscant at que ad me veniant, ut que ipsos comedere, quæque portare conveniat, discant et moralem enim Philosophiam sic maxime juvabuntur et præterea secundum rationales animi facultates ad capecedam irritum proferint prospinores memoria tenaciores descendi avidiores item que prudentiores redditi. Præter cibos et potas et æris temperaturas insuperque regiones quales de ligere, quales vitare et ascetit ipsos docebo.”

Este modo de curar e de fazer de maus naturais, bons e prudentes, e de estúpidos, espertos e inteligentes, se perdeu totalmente. Toda a cura são açoutes e pancadas e o medo é o que serve a reprimilhes aqueles maus ímpetos mas jamais a mudar-lhes a natureza. Já notei no princípio desta dissertação a causa porque os médicos largaram este método de curar. Seria utilíssimo à Religião e à República que houvessem médicos que soubessem curar tão bem as enfermidades do ânimo e terem uma Farmacopeia a propósito para mudarem as constituições como a têm para curar as enfermidades.

Ninguém poderá negar que as nossas inclinações, juízo, modo de obrar e tratar na sociedade civil se altera e perverte pelos alimentos e bebidas, e modo de usar deles. Depois de um jantar abundante nosso juízo é totalmente diferente daquele estado quando estamos em jejum. O mais prudente e o mais siso homem se beber uma porção de vinho sem ser [a]costumado a bebê-lo, sentirá todas as potências da alma mudadas. O ópio e a semente da datura pervertem o juízo, representa a fantasia mil ideias agradáveis, ficam os sentidos exteriores atados, estúpidos, e todo o efeito destes venenos faz os seus efeitos na imaginação.

A fome e a sede nos incita à cólera e em jejum nos agastamos facilmente, recusamos favorecer e condescender à vontade alheia[:] por esta causa os magistrados e aqueles que têm officios públicos não devem entrar em exercício do seu cargo no estado de inacção, devem comer tanto que não sintam a moléstia por não haver comido. Os pretendentes sabem bem que solicitar o seu negócio depois de jantar é o tempo mais oportuno para consegui-lo que pela manhã.

Mas se a comida, bebida, [o] ar alteram o temperamento e aquele modo de pensar, é certo que as enfermidades dispõem mais potentemente o ânimo a certas paixões alterando novamente o corpo.

Todos observaram aqueles desordenados apetites das donzelas naquele tempo que precede a evacuação dos mênstruos. Todo o corpo se muda por aquela abundância de sangue que a natureza intenta evacuar. Todos os sentidos se incitam e pervertem, e com eles a imaginação. Apetecem carvões, gesso, sal e às vezes imundícies tão fora do que pode nutrir e conservar o corpo que é necessário assentar que deliram naquele tempo, porque nem o castigo nem a ideia do mal em que poderão cair as faz desistir de comerem o que se lhes de defende.

A cada enfermidade e a cada doença é própria uma paixão da alma, e o homem enfermo e o homem em perfeita saúde parece que são dous homens diferentes. Somente Aretæus Capadox notou o estado da alma nas doenças. Copiarei aqui parte das observações que fez nelas. As paixões inseparáveis da doença de escarrar sangue (hemoptises) são a tristeza, a desconfiança e o cuidado, que é cousa notável neste estado, [por] que jamais desesperam curar-se ainda que estejam perto da morte (*de caus. et signis acutor Lib.2, cap.2*). Na febre ardente como que o ânimo é intrépido e constante, com o juízo desembaraçado, perspicaz e que adivinham os futuros que prognosticam aos circunstantes, quando hão-de morrer e declaram muitas coisas do futuro.

Refere Bartholin (*Acta Hoffniensia, vol.5, pag.162*) que caíra em uma febre ardente um rapaz tão estúpido, tão preguiçoso que não aprendera a mínima cousa na escola, sem embargo de ser ensinado pelo mesmo mestre que seus irmãos com feliz sucesso. No terceiro dia da febre começou a delirar e a discorrer com tal acerto da vaidade do Mundo e da miséria humana, com tal eloquência e capacidade, que se admiraria o mesmo Sócrates. Continuou neste estado até [a]o nono dia no qual morreu.

O mesmo Aretæo, *de Caus. et Signis diuturnorum, Lib.1, Cap.2* na cefaleia ou enxaqueca (VM lhe porá o nome em português), diz ele, aborrecem a vida e desejam morrer. No mesmo *lib. cap.5*, tratando da melancolia diz: facilmente se agastam, tudo lhes é contrário, tudo os atemoriza, arrependem-se logo depois do natural que mostraram, são mudáveis, pouco curiosos da limpeza, solícitos às vezes de cousas de pouca consequência. São avaros mas logo depois liberais e às vezes pródigos, distribuindo sem razão nem ordem, não por força da reflexão mas pela natureza do humor de que estão enfermos [o] que os reduz a estas variedades. Aborrecem os ho-

mens, ausentam-se da sua companhia e, amaldiçoando a vida, desejam morrer.

No mesmo *Lib. Cap.6*, tratando da mania diz: têm todos os sentidos espertos, são suspeitosos, facilmente se agastam furiosamente sem causa alguma e do mesmo modo se entristecem. Outras vezes são alegres... se o mal aumenta são luxuriosos por extremo... Acham-se alguns destes furiosos que despedaçam e ferem o seu corpo no piedoso pensamento que por aquelas feridas serão agradáveis aos Deuses. Nos mais ofícios da vida são modestos e comedidos.

O mesmo A. no *Lib.2, Diuturnorum, Cap.1*, tratando da hidropisia, pinta assim as paixões que se observaram nesta enfermidade. Grande cuidado tem ainda das coisas de pouca consequência. Um grande desejo e incrível de viver, uma tolerância em sofrer além do que se pode imaginar não provêm, na verdade, nem da esperança nem da alegria de ânimo, como naqueles que felizmente vivem, mas provêm da natureza do mesmo mal[;] do que mais devemos admirar-nos do que inquirir da causa deste maravilhoso efeito o que é na verdade remarcável.

Este é o único autor da antiguidade e pode ser [dito] que depois dele ninguém tratou das paixões da alma próprias a cada enfermidade, que tratou esta nova sintomatologia. Daqui vemos que os diferentes estados do nosso corpo fazem nascer inclinações ou aversões diferentes daquelas quando gozamos de perfeita saúde.

Dissemos acima que o sentimento universal residia na *medula oblongata* e que era o termo e o assento de todas as sensações ou elas procedessem dos sentidos ordinários ou do sentido da fome, sede, dor, ânsia e inquietação. Dissemos também que há nervos dedicados a uma certa sensação como os ópticos [pois] são dedicados somente para levar ao sensorio comum as sensações da vista e não do ouvir, e assim dos mais. Dissemos também que os nervos dedicados às vísceras como o coração, diafragma, boca do estômago e todo ele, o pâncreas, o fígado, o baço e o mesentério não levam ao sensorio comum a sensação da dor. Levam só a sensação grata ou ingrata que chamamos gosto, contentamento, ou ânsia, ansiedade e inquietação.

Dissemos também que os nervos não sentiam ou exercitavam o seu ofício enquanto levam consigo a pia e dura madre como bainhas de que vêm forrados do cérebro, e que logo que chegam à parte aonde acabam e se terminam que aquelas bainhas se espalmam pelas ditas partes ou vísceras formando-se em túnicas, e que o nervo se estende e espalma pelas mesmas partes e que daquele modo sente e exercita o seu ofício comunicando a sensação impressa ao sensorio comum.

Considere VM quantas variedades de sensações gratas ou ingratas se poderão causar pela imensa diversidade de humores que se geram no corpo pelas enfermidades, principalmente naqueles nervos que se distribuem nas vísceras como dissemos acima.

Além disso que variedade imensa não se acha nos cadáveres tanto na organização das partes como no número delas, sua situação, e com outras mais diferentes qualidades.

Refere Filipe Salmuth (*Cent. 1, obs.23*) que dissecara dous cadáveres[;] no primeiro que achara três veias seminais do lado direito, que todas saíam do tronco da veia cava as quais se terminavam no testículo. No segundo, que os rins eram monstruosamente grandes de tal modo que pareciam na grandeza semelhantes ao estômago. Estes, enquanto viveram, passaram a vida infamemente nos desordenados apetites da luxúria. Bellini (*tract. de renibus*) refere um caso com pouca diferença do primeiro.

Nas *Transações Philosophicas*, nº.492, [lê-se que] se achou no cadáver de uma mulher a veia espermática esquerda extremamente dilatada com a veia cava naquele lugar entre as ilíacas mui estreita. Não se refere o autor da observação se esta mulher fora na vida tão luxuriosa como mostrava esta conformação.

Acusamos temerariamente de viciosos aqueles que não podem corrigir-se da frequência dos actos luxuriosos, da bebedice, de jogar as cartas e furtar. São estes vícios enfermidades, na verdade, do ânimo e que têm a sua origem na conformação e nos humores do corpo. Nestes casos pertence ao teólogo decretar a consciência e instruir como se pode alcançar a graça divina para curar aquele ânimo e aos legisladores retê-lo pelo medo, e pelo terror dos castigos públicos, mas ao médico pertence ou curar o corpo ou induzir outra enfermidade que produza paixões diferentes.

É notável a história certa que refere aquele doutíssimo médico e polihistor(7), Nauday, no seu tratado, *Coups d'État*, que um médico, apercebendo-se que sua mulher lhe era infiel e que o seu natural vicioso era causa da amizade ilícita em que vivia, que estando na cama de noute com ela de propósito se levanta assustado, gritando que havia ladrões em casa, pega na espada, dispara uma pistola, mete tudo em confusão e toda a casa em ruído. Sossegado que estava tudo, vai tomar o pulso à mulher, diz-lhe que tem uma grande febre, que o susto que tivera lhe seria mortal se não se sangrasse. Logo mesmo de noute a faz sangrar. No dia seguinte repete a evacuação e deste modo continuando e fingindo a doença, a pôs em tal estado, fraca e pálida, que a pobre já não tinha força para pensar aos seus amores. Deste modo este médico capaz soube curar a enfermidade de ânimo

alterando o corpo e fazendo-o cair em um estado tão contrário ao amor.

Nas observações de Savoyard, em francês, se acha a história da dissecação de um cadáver no qual se acharam todas as vísceras mudadas de sítio[;] o ventrículo esquerdo do coração estava inclinado para o direito, o fígado estava no lado esquerdo e o baço no lado direito, o fundo do estômago e o piloro estavam inclinados, e postos no lado esquerdo, o intestino cecum estava em cima do rim esquerdo. Outra observação semelhante me lembro haver lido e notado mas não me lembro agora aonde, mas este estado das vísceras situadas ao revés não é raríssimo. Não me lembro que os Autores destas dissecações notaram as inclinações e os vícios do ânimo daqueles enquanto viviam. Acusamos um menino canhoto de má educação mas falsamente. Eu vi trazer o braço esquerdo cosido no vestido para se acostumar o direito mas tudo foi inútil para se acostumar o menino e depois rapaz que conheci. Sempre ficou usando do braço esquerdo[;] poderá ser que nestes as vísceras estejam ao revés.

Acusamos de cobardes e de estúpidos e preguiçosos não considerando que a organização é a causa destes defeitos. Refere Nicolau Túlpio (*Lib.1, Cap.27*) que um homem medroso por extremo e estúpido, enquanto vivera, viera a morrer[;] abre-se o cadáver, acham-se os ventrículos anteriores do cérebro cheios de água e no coração esquerdo um grande póliplo que tapava a metade da capacidade da aorta.

Um homem extremamente melancólico, temendo dia e noute as almas dos defuntos que o atormentavam, vive continuamente entre religiosos de vida exemplar. Morre por último. Acha-se-lhe todo o fígado negro, duro, e o bote do mesmo tão mole como se fosse edematoso. Veja-se Boneto, *sepulchret. anatomia, Lib. 1, obs.32.*

Um homem fátuo por toda a vida [morre.] Abre-se o crânio, acha-se a duramadre toda óssea, *História da Academia de Ciências de Paris, antes do ano 1699, (tom.2, pag.251).*

Um menino muito engenhoso, com juízo extremamente agudo e temporão, começa a sentir acidentes epiléticos [e] morre de idade de 27 anos. Acha-se na fouce da duramadre grande quantidade de pequenos ossos.

Um homem nobre de vida a mais irregular e criminosa, sempre com furores melancólicos, vem a morrer por último[;] acha-se nas tunicas do mesentério um abcesso.

Milhares de experiências confirmam que quando o baço se cortou a um cão que vêm extremamente solazes. Aqueles melancólicos que chegam ao baço cirroso são incontinentes com excesso.

Uma mulher colérica com extremo, enquanto vivia [era] melancólica. Morre, faltava-lhe o baço, a cor da pele de todo o corpo era quase negra.

Se até agora os Autores que deram a história das dissecações dos cadáveres notassem as paixões da vida de cada um e ao mesmo tempo notassem as irregularidades da conformação e do que acharam de extraordinário neles, é certo pudera nesta ocasião provar mais distintamente que todos aqueles vícios dominantes que temos que não dependem só da má criação nem do costume. Dependem, na verdade, da boa ou má conformação do corpo e do estado dos nossos humores.

Eu cuidei há muitos anos que a maior parte da virtude de Sócrates que dependia da sua excelente constituição. Eu vi e tratei com os tártaros de Baxkir. São de religião maometana, vivem sempre no campo, comem leite e carne e jamais pão. São pacatos, falam pouco, sempre sem mostrar nem ódio nem amor, com juízo claro e uma sagacidade admirável para o que lhes convém. Estes corpos assim formados não conhecem aquelas brilhantes paixões. Estas vêm da fraqueza dos nervos e da sua muita elasticidade.

Esta consideração me fez muitas vezes admirar aquelas palavras de Salomão: *Puer eram ingeniosus et sortitus animam bonam*. O bem que fazemos vem de quem nos deu as disposições do corpo tão perfeitas que todas as suas acções são feitas à sua medida.

Assim grosseiramente meu Am^o. e Snr. quis mostrar quão erradamente julgamos daqueles génios extravagantes, cesbéticos, desordenados, acusando somente os vícios do ânimo sem reparar que no seu corpo alterado, enfermo e mal conformado têm a origem. Assim ponho os médicos na necessidade de curarem estes vícios ou pela dieta e diferente modo de viver ou fazendo mudar de clima, como nós fazemos mandando os moços de vida dissoluta para a Índia e mais Colónias, o que aconselha Galeno no lugar citado[;] ou introduzindo diferentes enfermidades as quais tenham a propriedade de incitar o ânimo a certas paixões contrárias àquelas que são criminosas, não deixando, como fazemos, tudo entre as mãos dos teólogos e dos juriconsultos ou dos pais pouco avisados que todos os vícios dos filhos querem curar e emendar a pancadas. Esta parte da Medicina era necessário ressuscitá-la e fazer renascer a doutrina filosófica da Grécia com a de Asclepiades, de Aretæo Capadox e Galeno.

Mas agora entrarei a tratar daqueles efeitos que produzem os humores e várias conformações naquele fim dos nervos e diafragma para que se veja aquele admirável círculo do corpo humano, tanto no sistema nervoso como no sistema das artérias e das veias.

Aqueles miseráveis epiléticos raras vezes caem naqueles medonhos insultos sem serem advertidos de um vapor que se lhes *levanta* (como eles dizem) de um pé e de uma perna ou de um braço, tanto que sentem aquela aura fria. Como estão ainda com o seu juízo clamam por ajuda, apertam com a mão aquele lugar. Vai subindo aquela sensação ingrata e, logo que chega ao diafragma, no mesmo instante perdem o conhecimento, caem, convelecem, cuja pintura dessa miséria humana se poderá ler em Aretæus Capadox, *cap. De Epilepsia*, em desafio ao homem mais intrépido que lendo-a com atenção não seja obrigado a comover-se.

Tanto Galeno como os autores da História Médica observaram o referido. Mandaram continuamente trazer uma cord(e)a forte com uma fivela naquela parte aonde se levanta o vapor. Logo que começa a sentir-se de[ve] apertar a corda tanto quanto for possível até causar uma violentíssima dor o que serve às vezes de remédio.

A mais remarcável história que acho nos observadores é nos Actos da Sociedade de Edimbourg (*Vol.4, pag.416, Edit. Edimb.*). Aqui a traduzirei do inglês para nela se ver o estado do ânimo e das paixões, o que não achou necessário de citar M. Vanswiten no comentário dos aforismos de Boerhaave.

Uma mulher de idade de trinta anos tinha sido epilética pelo espaço de doze. Os acidentes, no princípio, vinham cada mês, e nos últimos anos vinham quatro e cinco vezes por dia [e] duravam ordinariamente uma hora e, às vezes, hora e meia. Tão extravagante e tão ridículo veio o seu juízo que não era capaz nem ainda de governar a sua pobre economia, inconstância, pouca consideração, nenhum decoro. Vários foram os remédios que tomou como evacuanes e remédios anti-epiléticos, mas tudo debalde porque a enfermidade cada dia se tornava mais terrível e mais rebelde. O insulto sempre começava por baixo da barriga da perna e em um instante acometia a cabeça, caía por terra, começavam as convulsões e a espuma na boca, com distorções do pescoço e dos mais membros. Uma vez, diz Mr. Short que é o autor, que eu estava falando com ela, caiu no insulto, examinei a perna [mas] não achei nem tumor nem vermelhidão e [estava] em tão bom estado como a outra. Considerando que ali residia causa do mal, tomei de um postemeiro e cortando naquele lugar, na profundidade de dous dedos, encontrei (com) um corpo duro que separei dos músculos e cortei com uma tesoura[;] examinando vi que era um gânglio tão grande como uma grande ervilha. Estava pegado a um nervo ao qual cortei pelo meio. Logo que cortei o nervo e tirei o tumor se terminou o acidente [e] grita a mulher que

estava sã. Em pouco tempo adquiriu as suas forças tanto do corpo como de juízo.

Aqui tem VM que existem fora do cérebro, no fim dos nervos, as enfermidades do cérebro depois da vertigem até à apoplexia e depois da tristeza ou escandecência até [a]o terror e ao furor. Destruído aquele fim de nervo ou mudado, fica curado o corpo e o ânimo.

Já em outro lugar disse o que observou Hipócrates nos males das donzelas antes dos primeiros mênstruos (*de virginium morbis*);] quando se tem gerado tanta quantidade de sangue que é supérfluo à nutrição, a natureza se esforça para expulsá-lo pelas artérias do útero;] estas resistem, então o sangue recua e acomete o diafragma e logo imediatamente à cabeça, ou com delírio às vezes amoroso ou fatuidade. “*Tunc sanguis non habens affluxum, præ multitudine, resilit ad cor et ad septum transversum. Cum igitur hæc repleta fuerit, cor factuum fit e fatuitate torpedo, postea ex torpedine delirium*”. Já vimos os efeitos que faz o amor intenso nos ovários. Vimos também quando as partes genitais estão túrgidas, com muito sangue, como agitam todo o sensório comum. Quantas queixas histéricas acompanhadas de tão várias e extravagantes paixões da alma, dependem do estado são ou enfermo dos ovários, do útero e das tubas falopianas. Todas estas partes estão tão tecidas de nervos que nelas se terminam que é cousa admirável aquele sumo consenso entre o útero e o sensório comum ou origem dos nervos. Os sintomas se mostram no diafragma em todo o seu domínio que são as vísceras;] ali se observam angústias, dificuldade de respiração, náuseas, vômitos, flatos, borborigmos, cólicas, fluxos de urinas brancas como água, todos estes efeitos procedem daquela sensibilidade dos nervos. Os reborantes, dieta, a proprieda[de] de jornadas e vida alegre, são os remédios destas queixas.

Antes dos insultos da gota e das hemorróidas sente-se um peso desagradável na boca do estômago, incha-se, sentem-se flatos, borborigmos, o sono interrompido;] aparece a gota em um pé ou a evacuação das hemorróidas, todos estes sintomas desaparecem. Aquele humor gotoso que se tinha nas vísceras, posto em movimento, altera e pica os nervos do mesentério que são os que se comunicam com os do diafragma e causam aqueles sintomas como o sangue das hemorróidas antes de sair.

Não sabemos a infinidade dos modos como os nossos humores degenerados podem ofender o cérebro e obrigar-nos a pensar mais vividamente umas ideias do q[ue] outras. É certo, pelo que temos referido, que se geram em nós tais disposições, ou nos humores ou pela organização que ofendem o fim dos

nervos, que estes comunicam com o diafragma e que logo o cérebro sofre os males que este lhe comunica.

De dous modos se curam as desordens do sensório comum e aquelas representações vividíssimas que dominam a consciência totalmente[:] a primeira, que faz o seu efeito imediatamente no ânimo, excitando a dor ou dores intensas que façam subverter ou mudar aquela vivíssima ideia ou excitando tal aflição mortal no ânimo que se dissipa a mesma vivíssima ideia na qual delirava. O segundo modo é mudando o corpo de tal maneira pela dieta e pelos remédios que, produzindo-se novo estado do corpo, se produzem também novas ideias. Explicarei todos estes métodos e acabarei esta dissertação mais longa do que me propus no princípio.

Ouvi contar a Boerhaave que um doutíssimo homem melancólico caíra no delírio que tinha as pernas de vidro pelo que sempre estava assentado por temer que caminhando se quebrassem. Um dia, por acaso, a criada varrendo, por mau jeito, deu tal pancada na perna do pobre melancólico que o feriu. Com a força da dor mudou-se aquela ideia que tinha e ficou curado dela, estando já persuadido que as suas pernas eram de carne e osso.

Costumam nos hospitais dos doudos, tratar os maníacos ou furiosos como bestas feras à força de açoutes, e de castigos. As dores que existam nas partes açoutadas é verdade que mudam aquelas ideias doudas como lhe chama Helmontis. Vêm a si e tanto que vêem vir o seu algoz, logo falam razoáveis.

Este modo de curar é mudando directamente a ideia douda por uma sensação violenta na[s]cida no fim dos nervos;] fica curado o pensamento por alguns dias mas ficando os mesmos humores ou melancólicos, ou atrabiliários, ou venenosos, logo tornam a cair na mesma doudice.

Naqueles dous A.A., Aretæus e Tralianus, quando tratam da melancolia, se podem ver toda a sorte de delírios extravagantes;] parece que a causa daqueles sintomas e desordem de ânimo não procedem mais [do] que do humor melancólico que reside nas artérias e veias que estão debaixo do diafragma até às veias e artérias ilíacas. Enquanto estas não estiverem limpas do que lhes é nocivo sempre desordenarão as potências da alma.

Sem saberem o que fazem os mestres dos meninos, castigam a palmatoadas e açoutes aqueles que são rudes e difíceis a aprender. São necessários os castigos nos meninos [e]stúpidos de constituição grosseira natural, violento crusteio, que se não move nem pelo louvor nem pela vergonha. Aquele dor excita aquele sensório comum duro e estúpido de nascimento e o faz mais delgado (deixe-me VM assim dizer lhe peça) e mais elástico para receber outras

ideias mais facilmente. As dores repetidas serão tantos golpes para descascar aquele tronco tão cheio de espinhos e de casca.

Mas se usarem os que têm a seu cargo ensinar a mocidade do mesmo método para doutrinarem os seus discípulos de um génio brando e ameno, que se envergonham da menor repreensão, que com louvor se animam e mostram alegria, que o rosto e os olhos mostram serem regados de sangue subtil, rutilante e com muita vivacidade, então o castigo será mais nocivo. O medo, o terror, e a vergonha acanhará aquele delicado e elástico sensorio comum.

Também pela ansiedade mortal ou perto da morte se destroi aquela ideia douda que domina todas as potências da alma. Assim são os maníacos, os amantes doudos, os entusiastas ou supersticiosos, os doudos pelos venenos de cães danados.

Helmontis, nas obras que citámos acima, dele e de seu filho Mercurius Helmontius, *observat. civico homines sejusque morbos*, 12. Amsterdam, pag.33, observaram que muitos destes enfermos foram curados mergulhando-os na água e nela ficarem por alguns segundos de tempo. Não que o remédio fosse a água, mas aquela agonia mortal que nasce do medo de morrer. Com aquela ânsia, aquela ideia insensata (não a fátua ou tonta) e delirante se destroi e se muda de tal modo o sensorio comum que já adverte os objectos com as circunstâncias do passado e do presente. Mas a causa daquela ideia douda fica no corpo; é necessário curar este depois, mudando-o, como dissemos, às vezes por alguns anos, pela dieta e pelos remédios.

Estes são os dous modos de curar que obram directamente no ânimo mas vemos claramente que nenhum deles é bastante para prevenir a recaída destes enfermos. É necessário curar aquele vício corporal que foi a causa ou a origem daquela doudice. Se aquelas desordens de cérebro foram só precedidas pelos humores ainda que degenerados, facilmente os podíamos curar. Mas desgraçadamente na mania, na melancolia antiga e outras paixões da alma inveteradas, acham-se as partes fel[?] acham-se cirro[s] no cerebello, no pâncreas, intestino duodeno, no fígado, e nas glândulas do mesentério acham-se esteatomas, ateromas, abscessos dentro do cérebro, na pia e dura madre, no fígado, no intestino duodeno, cólon e mesentério. Mesmo dentro da veia porta se acharam pedras, como se viu no cadáver de S. Inácio de Loyola, como refere o Presidente de Thou na sua história, e no coração aneuri[s]mático de S. Filipe Nery.

De tal modo que o médico não pode dar mais remédio que os universais que mudam e enervam todos os (seus) humores. A dieta vegetal, comendo só ervas e raízes. Leite, frutos maduros, mel, com água pura e pão, comidos por muito tempo, fazem cair em um[a]

diarreia[?]; os enfermos purgam todos os humores antigos e se reparam por outros feitos com esta nova dieta.

Mudam os homens por remédios universais purgativos. Os antigos preparando o corpo e fazendo-o fluido pela dieta vegetal e banhos davam [depois] o heléboro [?]; este purgando violentissimamente por vômitos e cursos mudava todos os humores.

Nós hoje usamos de salivação nos casos aonde é necessário mudar todos os humores, não só na cura do gálico, mas ainda nas queixas acima referidas. Em Hambourg, haverá trinta anos, brincava uma senhora com um cãozinho, este a morde em um beijo, salta, morde outro cão, espuma, conhece-se já que estava danado. Chama sua dona [um] médico, o qual sem hesitar em prepará-la nem outro qualquer remédio, faz untar com unguento mercurial esta senhora como se fosse galicada. Salvou por trinta dias e ficou curada do veneno do cão danado. Este método de dar a salivação por unturas e de untar e esfregar a mordadura de cão danado com unguento mercurial publicou Pierre Desau[?]t no seu tratado *Maladies Venerien[n]es*.

Creio que muitos maníacos e muitas queixas crónicas, aonde a razão estiver sezã com delírio ou com furor, este método poderá ser útil no caso que de antes se prepare o enfermo tão apropriadamente que possam prevenir todos os danos que pode causar uma salivação.

Muitas e muitas coisas tinha ainda que ajuntar aqui, mas como escrevo em língua vulgar e que estas cartas poderão cair em outras mãos do que as de VM, quero conter-me para que não ofenda a quem não está inteirado dos verdadeiros princípios da Física e da Metafísica como VM.

Contentar-me-ei que redunde alguma utilidade deste trabalho à minha Pátria no caso que mostrasse a necessidade que tem a sociedade que os males e enfermidades do ânimo ou paixões da alma venham a cair na consideração dos médicos. Contentar-me-ei se VM ficar persuadido daquele círculo que o ânimo pode fazer no corpo enfermo, e que este corpo também pode afectar, e alienar o ânimo e que no caso que VM achar que poderá este escrito dar alguma matéria e murmúrio ou de escândalo aos ignorantes da Verdadeira e Santa Religião ou dos princípios políticos como se deve regrar a Sociedade Cristã, que VM use somente dele e que lhe seja útil na sua prática. Se VM o aprovar bastante consolação me ficará para sossegar a fadiga do pensamento com que me atrevi [a] escrever uma matéria que meditei depois de vinte e quatro anos, e que não poupei tempo nem despesa para ler o que a antiguidade e os modernos pensaram nela. Se VM me acusar de que citei muitos autores,

não se admire porque não citei a terça parte daquelles que li e de que fiz extractos que conservo para indagar esta matéria. Não obstante tudo isto não se persuada VM que fico satisfeito ainda destes borrões que lhe mando. A saúde me impediu muitas vezes [de] meditar, e ordenar esta matéria de outro modo[;] observará VM nela muitas repetições, muitos pensamentos fora do seu lugar, muitos erros de língua e sobretudo de escritura por distracção. Perdoe VM tanta omissão porque desejo servi-lo com tanto gosto quanto tenho quando recebo cartas de VM que Deus g.^{de}.

14 de Dezembro de 1753.